

Peregrinar é preciso. Viver não é preciso!

As minhas inesquecíveis experiências no “Caminho da Fé”



Humberto Gouvêa Figueiredo

2018

LIÇÕES QUE O “CAMINHO” ME ENSINOU

Durante os dez dias em que percorri os 295 Km de Águas da Prata a Aparecida, no Caminho da Fé, vivi experiências que valem a pena ser divididas com meus amigos.

Farei isto aos poucos, por meio de vídeos curtos ou textos, também breves.

Hoje a mensagem que eu gostaria de registrar é aquela que entendi ser a maior lição que o Caminho me propiciou.

Se eu pudesse resumir o Caminho da Fé em uma frase ela seria: "eu não tenho problema".

Quando planejei realizar o Caminho da Fé, imaginei que o meu problema seria os quase 300 km a percorrer a pé, sozinho e sem contato com ninguém..

...mas ao andar poucos quilômetros comecei a sentir os 8 kg da minha mochila e a entender que a distância não era para mim um problema...

...na primeira Serra, com uma subida íngreme que me impedia uma sequência de passos em velocidade constante, concluí que o peso da mochila estava longe de ser para mim um problema...

...vieram então as descidas intermináveis que faziam com que os dedos do meu pé ficassem pressionados na ponta do tênis, doloridos e com bolhas, e isto foi o suficiente para eu entender que as subidas não eram um problema, mas um alívio..

...quando o Sol escaldante me pegou pela primeira vez, dando a impressão de que eu estava andando por um incêndio, eu compreendi que a descida da Serra, por mais dolorosa que fosse, estava longe de ser um problema...

...a chuva chegou forte, impedindo-me em alguns trechos de seguir e obrigando-me a procurar abrigo, em função dos raios e trovões; isto me fez pensar que aquele Sol que me queimou as costas estava muito longe de ser um problema...

*Mas foi quando concluí a minha jornada e entrei quase rastejando no Santuário Nacional e me veio à mente tudo o que vivi nos dias de caminhada e refleti sobre os motivos que me levaram a ela que eu tive a certeza: **EU NÃO TENHO PROBLEMA!***

O AUTOR

Breves considerações sobre o autor e o objetivo da obra

Humberto Gouvêa Figueiredo é brasileiro, tem 50 anos (na data em que escreve este livro), é araraquarense, policial militar da reserva remunerada, pai do Cairê e da Ingrid, companheiro da Cris, afeano, apaixonado pela vida e intenso em tudo o que se propõe a fazer.

Também é meio chato, sistemático e pouco flexível!

A, é também super sincero...

Ingressou na Academia de Polícia Militar do Barro Branco aos 17 anos e permaneceu nas fileiras da Instituição por 33 anos, alcançando o mais alto posto da hierarquia, o de Coronel PM.

Decidiu pedir passagem para a inatividade (aposentar-se) 6 meses antes de fazer o Caminho da Fé, ocasião em que optou por marcar esta transição tão marcante na sua vida realizando uma missão tão espiritualizada, com é esta jornada de Águas da Prata a Aparecida do Norte.

A publicação da sua aposentadoria se deu quando ele estava na cidade de Andradas (MG), já no segundo dia do Caminho da Fé. Só teve acesso à publicação no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 18/01, quando encerrou com sucesso os quase 300 km do Caminho.

A busca do autoconhecimento, o encontro com Deus e o agradecimento pela maravilhosa carreira na Polícia Militar do Estado de São Paulo foram os fatos que motivaram o Autor a se enveredar pelo Caminho da Fé.

A opção por escrever este livro digital foi uma forma de produzir um legado da sua trajetória no Caminho da Fé, além de ser uma fonte de inspiração para outras pessoas que queiram se enveredar pelo mundo mágico da peregrinação.

O Caminho da Fé é uma experiência individual e única: não se pretende que as reflexões e recomendações aqui colocadas sejam uma “receita de bolo”, pois o Caminho será sempre inédito para quem o realiza mais de uma vez e de diferentes significados para as pessoas que o fazem sozinho ou coletivamente.

O que se quer de fato, é que a leitura do livro seja em fator de encorajamento, pois “peregrinar é preciso e viver não é preciso”

Boa leitura!

“...Eu imaginava que faria o Caminho da Fé e hoje tenho a certeza de que foi Ele quem me fez um homem diferente e melhor...”

Sumário

A chegada na Pousada Anjos do Caminho.....	05
Iniciando a minha jornada ao lado de Deus.....	09
Peregrinando em solo mineiro.....	14
Aprendendo que o fácil pode se transformar em difícil.....	20
Com a fé inabalada e a certeza de ter feito a escolha certa.....	24
Correndo atrás do que poderia ser uma inspiração.....	29
Quando a chuva chega para provar a sua fé.....	37
Sonhando com o escalda pés.....	41
Indo ao encontro da temida Luminosa.....	48
A sua hora chegou, Luminosa!.....	53
E o inexplicável aconteceu.....	61
A chegada na Casa da Mãezinha Aparecida.....	67
Epílogo.....	70
Considerações finais.....	72

1. A chegada na Pousada Anjos do Caminho

Escolhi fazer o Caminho da Fé mais ou menos 6 meses antes de realizá-lo: estava fazendo terapia com uma Psicóloga quando, durante uma sessão, lhe disse que tinha tomado a decisão de me transferir para a reserva remunerada na Polícia Militar e que gostaria de fazer uma atividade que realmente marcasse esta transição importante na minha vida.

Fui policial militar por quase 33 anos e sempre tive uma relação muito intensa com a PM, o que me resultou num elevado custo pessoal e social.

Refleti muito, pesquisei e concluí: o Caminho da Fé seria uma atividade que cumpriria adequadamente a minha intenção.

Não fiz nenhuma preparação física específica, mas me preparei muito psicológica e espiritualmente para o Caminho da Fé!

Estudei muito o que representavam os quase 300 Km de Águas da Prata ao Santuário Nacional de Aparecida, li vários depoimentos de peregrinos que haviam feito o Caminho e decidi: IRIA FAZER!

No site do Caminho da Fé (<http://www.caminhodafe.com.br>) encontrei todas as informações necessárias para a atividade: os contatos das pousadas e pontos de apoio, o planejamento para realizá-lo na quantidade de dias que eu desejasse, a montagem da mochila, que levar e tudo mais o que deveria fazer para levar adiante meu propósito.

Também tomei uma decisão que não aconselho para outras pessoas, a não ser que elas tenham um objetivo tão específico quanto era o meu: decidi que realizaria o Caminho da Fé com foco total – iria sozinho, não levaria aparelho de telefone celular, nem relógio.

Eu queria manter distância de tudo e de todos e não me guiaria nem mesmo pelo controle do tempo, muito menos por informações na internet ou aplicativos específicos para trilhas.

Decidi também que levaria um caderno e uma caneta para fazer anotações que me permitissem registrar todas as minhas experiências

para que depois pudesse dividir com outras pessoas: esta ideia foi a que possibilitou que eu escrevesse este livro.

Desejava o desafio...

Desejava o novo...

Desejava o autoconhecimento...

Desejava estar em sintonia com a natureza...

Desejava agradecer tudo o que conquistei ao longo de uma vida toda na Polícia Militar...

Desejava dedicar alguns dias de minha vida para estar exclusivamente com Deus!

E tudo começou no dia 07 de janeiro de 2018: por volta das 08:00 horas gravei um vídeo curto que postei na rede social “Facebook”, avisando meus amigos e seguidores de que iria ficar ausente por alguns dias, realizando o Caminho da Fé.

Expliquei os propósitos da minha peregrinação e pedi orações e bons pensamentos em meu favor.

Com uma mochila pesando pouco mais de 8 kg (eu exagerei pois o adequado é que a mochila não tenha mais do que 5 kg), parti de carro, conduzido por um amigo e por meu pai para a cidade de Águas da Prata, onde iria dormir para, no dia seguinte, começar a minha jornada pelo Caminho da Fé.

No meio da viagem já tive uma presságio de que não seria simples: pegamos uma tempestade, o que já daria uma ideia do grau de dificuldade que enfrentaria já a partir do dia seguinte.

Meu Pai estava inconformado com a escolha que tinha feito. Ele claramente estava preocupado com as dificuldades e o risco que eu poderia enfrentar, especialmente por ter decidido realizar o Caminho sozinho (sozinho não, com Deus, como aprendi depois...).

Na chegada à sede da Associação Amigos dos Peregrinos do Caminho da Fé, chamada também de “Pousada Anjos do Caminho”, a primeira dificuldade: era um domingo e a responsável da Pousada (Dona Tina) onde eu iria me cadastrar e hospedar não estava no local.

Foi necessário entrar em contato com ela para que fosse me recepcionar. Para minha sorte, meu Pai e meu amigo ainda não tinham ido embora e puderam entrar em contato com ela por meio do telefone do meu Pai.

Poucos minutos depois chegou na Pousada o Senhor Almiro, um dos responsáveis pela criação do Caminho da Fé, que me atendeu, fez os registros administrativos, me forneceu a credencial (na verdade me vendeu por 20 reais) e providenciou a minha hospedagem.

Não sei se para testar minha fé e coragem, o Senhor Almiro começou a falar do peso da minha mochila, dizendo que achava que eu estava levando muita coisa e que talvez não aguentasse depois de caminhar poucos quilômetros. Comentou que eu não conseguiria subir a Serra da Luminosa de forma alguma com tanto peso nas costas.

Foi a primeira vez que ouvira falar da Luminosa e, daí por diante, ela povoaria o meu inconsciente.

Comentou que, depois de 3 Km, 8 kg se transformam em 80kg: ele não estava errado, mais isto não me abalou, nem me fez ter dúvida de que eu conseguiria cumprir a missão que tinha me colocado.

Paguei 40 reais pela hospedagem (sem alimentação alguma fornecida – nem jantar, nem café da manhã).

Haviam mais 4 Peregrinos na Pousada: 2 que fariam o Caminho à pé e 2 que iriam de bicicletas.

Sabia então que, pelo menos no primeiro trecho, entre Águas da Prata e a cidade de Andradas (MG), não estaria sozinho.

Naquela noite conversei muito com os outros 4 Peregrinos, me assustei um pouco com o tamanho do desafio que eu tinha e fui dormir consciente de que o Caminho da Fé exigiria muito de mim e que eu teria motivos de sobra para comemorar depois de dez dias ao concluí-lo.

Em nenhum instante pensei em desistir ou tive dúvidas de que alcançaria meu objetivo, mas também jamais desprezei o grau de dificuldade que teria que suportar.

O sono não veio fácil...rezei muito e pedi proteção a Deus.

O dia seguinte chegaria e a minha jornada na fé começaria na prática.

2. Iniciando a minha jornada ao lado de Deus - de Águas da Prata (SP) a Andradas (MG)

A minha noite não foi boa. Dormi mal e imaginei que talvez fosse pela ansiedade de começar o Caminho da Fé.

Depois, nos outros dias, percebi que dormir mal também poderia ser resultante do cansaço por uma caminhada longa.

No jantar da noite do dia 7/1 conheci Elisa e Ricardo, um casal jovem, ela uma médica em fase de residência e ele um engenheiro que se dedicava à docência superior numa Universidade privada de Campinas.

Eles não iriam iniciar o Caminho da Fé por Águas da Prata: já tinham saído de São João da Boa Vista e agregado 21 Km no Caminho até Aparecida.

Conversei bastante com eles e soube que já tinham feito uma parte do Caminho da Fé a partir de Paraisópolis (MG) junto com os pais de Elisa. Não eram, portando, neófitos como eu.

Acertamos de fazer a caminhada juntos e combinamos a saída da Pousada para as 06:00 horas do dia seguinte. Passaríamos antes por uma padaria para comprar um lanche e seguiríamos para Andradas, na primeira etapa do Caminho da Fé.

Devo ter acordado lá pelas 03:30 horas, mas como não estava com relógio e tinha me comprometido a perguntar minimamente as horas, não sei ao certo que horas eram quando despertei para o primeiro dia de caminhada.

Permaneci na cama até ouvir barulho de gente se movimentando na casa, quando então levantei para começar a me aprontar.

Já tinha preparado minha mochila na noite anterior e deixado do lado de fora a roupa que iria usar na caminhada: foi só acordar e me vestir. Estava pronto em menos de 5 minutos.

O dia amanheceu com uma chuva leve.

Rapidamente nos preparamos, tomamos café com a pizza que tinha sobrado do jantar da noite anterior e saímos depois de nos despedir dos outros 2 peregrinos que permaneceram na Pousada e que saíam depois de nós.

Passamos numa padaria perto da sede da Associação, Elisa e Ricardo compraram um lanche e água e partimos. Eu não comprei nada porque já estava levando castanhas e amendoins, que consumiria durante os pouco mais de 32 Km até chegar em Andradas.

Andamos por pouco mais de 1 km no asfalto, ainda dentro da cidade de Águas da Prata e depois já pegamos uma estrada de terra que nos levaria para dentro do Estado de Minas Gerais.

Passaram-se alguns quilômetros e me veio à mente o que o Senhor Almiro havia me dito em relação ao peso da minha mochila: ela realmente passou a pesar bem mais do que os 8 kg iniciais. Aliás, como estava levando 1,250 litros de água, certamente já pesava mais dos 80 kg que ele falou que seria a impressão que me daria...

O trecho entre Águas da Prata e Andradas foi um dos mais difíceis que percorri no Caminho da Fé: claro que o fato de ser o primeiro já é um fator que amplia seu grau de dificuldade, mas ele é também muito longo e com várias subidas e descidas. Não existe nenhuma Pousada ou Estabelecimento credenciado no trecho entre as duas cidades.

A elevação máxima na serra que liga as cidades é de 1482 metros.

Não tínhamos caminhado ainda nem 5 km quando a chuva aumentou muito e fomos obrigados a usar as capas de chuva. Eu tinha resolvido levar a capa de chuva que usava na Polícia Militar e só quando precisei usá-la que me dei conta de que ela não cobriria ao mesmo tempo o meu corpo e a minha mochila.

Aliás, eu achava que a mochila (que eu tinha tomado emprestado do meu filho) era impermeável, só que não...

Usei então a capa de chuva para proteger a mochila e boa parte do meu corpo ficou exposto à chuva. Isto não foi um grande problema porque ao caminhar o meu corpo esquentava demais e a água da chuva servia para equilibrar a minha temperatura corporal.

Não me lembro ao certo da primeira placa de identificação mostrando o percurso total do Caminho da Fé, de Águas da Prata até Aparecida do Norte, mas creio que seja 318 km: as placas sempre são instaladas em local visível ao peregrino e postadas a cada 2 km em ordem decrescente, ou seja, os números vão diminuindo até chegar no destino.

Senti um frio na barriga quando vi a placa: me dei conta que o desafio seria realmente muito grande, no nível do que eu procurava.

Também neste momento lembrei do instante em que me despedi do meu Pai, ainda em Águas da Prata, e senti nos seus olhos uma certa pena ou dó de mim, pelo que eu enfrentaria nos próximos 10 dias da minha vida.

Talvez ele não acreditasse que eu fosse capaz e não compreendesse por qual razão eu tinha me sentenciado a cumprir o Caminho da Fé...mal sabia ele o quanto eu aprenderia pelo Caminho, quanto ele me transformaria...

Segui com Elisa e Ricardo por metade do trecho entre Águas da Prata e Andradas. A certa altura Elisa começou a andar mais lentamente reclamando de dores no joelho e, para não fazê-la forçar ainda mais e para não reduzir o meu ritmo, combinei com Ricardo que seguiria sozinho à frente deles, como era meu planejamento inicial e nos encontraríamos mais tarde quando eles chegassem em Andradas.

Na serra para Andradas, logo no começo do trecho, existem pequenas elevações, mas a estrada é relativamente plana: a dificuldade começa depois dos 10 km de caminhada, quando se inicia uma subida forte que dura cerca de 12 km. A estrada era boa, mas como pegamos chuva forte, o solo estava escorregadio e exigia de nós muito cuidado.

Não demorei muito para descobrir a importância de ter levado o meu melhor amigo durante o Caminho da Fé: o cajado, que tinha tomado emprestado de uma amiga, também oficial da Polícia Militar.

Posso dizer com alguma certeza que fazer o Caminho da Fé sem um cajado aumenta em pelo menos 75% o seu grau de dificuldade.

Então, fica a dica, leve um cajado! Se esquecer, lá na Pousada de Águas da Prata tem para vender um de bambu por 10 reais: você perceberá que vai ser um dos melhores investimentos que fará em toda a sua vida.

Ainda não tínhamos chegado no topo da Serra do Gavião quando me separei de Ricardo e Elisa. Isto aconteceu pouco tempo depois de termos parado para nos alimentar.

Quando comecei a seguir sozinho no Caminho da Fé me dei conta do quanto era bom. Já me corrijo aqui: na verdade não estava sozinho mas, como havia me ensinado a Dona Natalina, proprietária de uma Pousada da Serra do Lima, que posteriormente vim a conhecer pessoalmente, o Caminho da Fé nunca é feito sozinho: no mínimo ele é feito com Deus.

Parei poucas vezes durante a subida da Serra.

Mas como consumi toda a minha água, quando atingi o topo parei para pedir na casa de um morador. Fiquei impressionado pela forma amistosa e carinhosa com que fui recebido e tratado por uma moça que me recebeu na sua porta. Pedi água da torneira, mas ela fez questão de me dar da geladeira e filtrada.

Conversamos rapidamente e ela disse que é muito comum peregrinos pararem ali para lhe pedir água, por ser um ponto já bem distante de Águas da Prata e no final de uma grande subida.

Segui adiante com as energias recuperadas, sem ainda saber que enfrentaria o primeiro grande desafio : a descida da Serra do Gavião.

Foram 11 km de uma descida muito difícil!

Foi lá que aprendi que, para quem faz o Caminho da Fé à pé, a descida é muito pior que a subida.

Os dedos do pé vão se esmagando na ponta do tênis e a impressão que se tem em cada passo é que está sendo dada uma martelada nas unhas.

Se não fosse o meu cajado, tudo seria ainda muito pior...aliás, ousou dizer que seria praticamente impossível.

Além angulação, a dificuldade da descida da Serra até Andradas está na quantidade de pedras soltas pelo caminho. O risco de uma lesão no joelho ou de uma queda é muito grande, o que exige máxima atenção do peregrino.

A minha velocidade de deslocamento caiu bastante e durante a descida eu devo ter demorado muito mais do que levei durante o trecho de subida.

Já não estava aguentando minhas pernas quando avistei Andradas (MG): foi aí que aprendi uma outra lição do Caminho da Fé – as longas distâncias são facilmente alcançadas, mas as curtas demoram uma eternidade...

Ainda faltavam 6 km para chegar a Andradas e parecia que não chegaria nunca...quando mais eu caminhava, mais eu tinha a impressão que estava distante e faltava muito para chegar.

Não acreditei quando entrei em Andradas: foi o primeiro dos muitos momentos em que chorei de emoção durante o Caminho da Fé.

Andei mais uns 4 km dentro da cidade até chegar no Hotel Palace. Já eram 16:45 horas. Era lá que eu tinha decidido pernoitar na primeira noite.

Minha previsão inicial era dormir no primeiro dia na Pousada da Dona Natalina, mas ela ficava mais 16 km adiante de Andradas e eu não tinha forças para chegar até lá.

O saldo da primeira etapa do Caminho da Fé foi um pé cheio de bolhas e dolorido, pernas trêmulas de tanto andar e um cansaço físico que há muito tempo eu não sentia.

Mas foi bom demais...uma sensação maravilhosa de missão cumprida tomou conta do meu coração.

A “degustação” do Caminho da Fé tinha valido a pena...

Vi quando Elisa e Ricardo chegaram, cerca de 2 horas depois de mim: falamos rapidamente e percebi que ela caminhava com muita dificuldade e que teria poucas chances de seguir.

Isto de fato ocorreu: soube por outros peregrinos que o casal tinha voltado no para casa no dia seguinte, desistido de realizar o Caminho da Fé, em virtude de lesão no joelho de Elisa.

Fui na farmácia comprar arnica, umas faixas e esparadrapo, comi uns salgados numa pastelaria no centro de Andradas, liguei para a família para dar notícias de que tinha chegado bem e estava hospedado em segurança e fui dormir logo em seguida.

Eu havia encerrado o primeiro dia com vitória...e a minha fé tinha aumentado exponencialmente: o Caminho da Fé já provocava transformação na minha vida.

3. Peregrinando em solo mineiro – De Andradas a Taguá

Foi um equívoco de minha parte ter escolhido o Hotel Palace para pernoitar. Eu já tinha planejado antes que ficaria apenas em Pousadas familiares ou dedicadas a peregrinos, mas o cansaço da subida da serra de Andrada me fez refletir que talvez um hotel fosse um lugar melhor para recuperar as minhas forças.

O meu planejamento inicial era chegar até a Pousada de Dona Natalina, que fica na Serra dos Limas, ainda no município de Andradas: só não considerei que a Pousada ficava 16 km além da área urbana e aí, definitivamente, não tinha como chegar até lá no primeiro dia de caminhada.

Errei na opção da hospedagem porque num hotel, embora seja ele credenciado pela Associação dos Amigos do Caminho da Fé, você não é tratado com um peregrino, mas sim como um hóspede! E eu não estava no Caminho da Fé em busca de turismo, mas sim, de autoconhecimento, agradecimento e diálogos com Deus.

O hotel já me desagradou porque no folheto de orientações da Associação constava o preço de 50 reais a diária e, quando fui atendido no balcão me foi informado que o preço da diária era de 60 reais. Mas o que mais me deixou chateado foi quando fiz solicitação para realizar ligações telefônicas para as Pousadas que iria ficar à frente e me cobraram 3 reais por minuto de ligação. Fiz duas ligações e não usei nem 30 segundos, pois se tratava apenas de confirmações de reservas mas, ainda assim, me cobraram 10 reais pelos telefonemas.

Em momento algum me senti acolhido como um peregrino no hotel, o que aconteceu nas Pousadas que fiquei durante o Caminho da Fé: e tudo o que

eu precisava no meu primeiro dia de peregrinação era de atenção e não do tratamento frio que se dispensa a um hóspede.

A acomodação no hotel não era ruim, mas também não merecia avaliação melhor do que “simples”.

Tive mais uma noite de sono intermitente, acordei antes das 06:00 horas, tomei um bom café e segui para enfrentar um outro desafio: a Serra dos Limas.

Saí de Andradas e iniciei a minha caminhada com destino à cidade de Tagua, distante pouco mais de 27 km de Andradas. Tinha decidido que ao invés de dormir na Pousada da Dona Natalina, pararia lá apenas para almoçar, pois ela não ficava tão perto de Andradas e eu deveria alcança-la próximo do horário do almoço.

Da saída de Andradas até o ponto mais alto da Serra dos Limas, onde fica a Pousada da Dona Natalina, são 16 km de uma subida que começa leve e que vai aumentando até atingir um nível de dificuldade enorme, com mais de 1400 m de altitude. Por cerca de 8 km a caminhada é feita por uma via asfaltada, com alguns trechos de aclive muito intensos e cheio de curvas.

Não chegava a ser perigoso porque o volume de carros que circula na via é muito baixo, mas de qualquer forma, exige atenção por parte do peregrino.

Depois de cerca de 6 km fiz a primeira parada numa capelinha que tinha na margem da via. Aproveitei para reabastecer a minha reserva de água, pois no local havia uma bica.

Como havia previsto, cheguei perto da hora do almoço na Pousada da Dona Natalina. Uns 500 metros antes de chegar na Pousada me encontrei com um homem que vinha no sentido contrário ao meu. Perguntei então a ele se ainda estava distante da Pousada da Dona Natalina, pois já tinha passado da placa de identificação de quilometragem e receava que pudesse ter “passado reto”.

Ele então me informou que estava perto, que eu andaria menos de 1 Km e já chegaria.

Talvez percebendo meu cansaço e o calor do dia, gentilmente me ofereceu um “gelinho”, dizendo que serviria para atenuar o tempo que eu levaria para chegar até Dona Natalina.

Fui recebido na Pousada pela Dona Natalina como se fosse o seu neto mais querido: ela deve ter percebido o meu cansaço, pois tinha subido uma Serra de 16 km e estava exausto. Certamente já tinha se deparado com inúmeros peregrinos na mesma situação que eu.

Me deu água, pediu que descansasse e disse que já estava preparando o meu almoço.

Pouco tempo depois da minha chegada na Pousada da Dona Natalina, chegaram outras duas peregrinas que também faziam o Caminho da Fé à pé e que tinham saído de Águas da Prata pouco depois de mim, no mesmo dia 8/1.

As duas eram professoras, uma de inglês e a outra de educação física, mas não me recordo nem anotei os seus nomes.

Elas tinham chegado até a Dona Natalina por meio de carona e pediram apoio para que fosse chamado um táxi para leva-las de volta para Andradadas, pois iriam “abortar” o Caminho da Fé pelo fato de que a professora de inglês estava sentindo fortes dores no joelho e não tinha mais condições de prosseguir.

Em um dia e meio de caminhada já tinha tido contato com 4 desistentes do Caminho da Fé: paradoxalmente, isto foi um grande estímulo para prosseguir - quanto mais difícil fosse, mais eu teria vontade de realizá-lo.

Dona Natalina dispensou a elas o mesmo carinho que tinha dado a mim, chamou o táxi e elas partiram pouco tempo depois.

Também chegaram na Pousada, algum tempo depois, 2 pessoas que estavam num carro de apoio a ciclistas da cidade de Mairiporã: a intenção deles era também almoçar na Dona Natalina, mas ela informou que a comida já tinha acabado. Eles iriam então fazer a sua refeição junto com os demais ciclistas na mesma Pousada em que eu me hospedaria, em Taguá, a Pousada Santa Catarina.

O meu almoço ficou pronto minutos depois. Estava faminto e a comida da Dona Natalina era simplesmente deliciosa.

O preço da refeição previsto na folha de orientação aos peregrinos era de 15 reais, mas quando fui pagar Dona Natalina ela disse que me cobraria apenas 12 porque tinha me oferecido a comida que tinha sobrado das

marmitas que ela tinha feito no dia e não seria justo cobrar de mim o preço total.

A refeição de Dona Natalina valia pelo menos o triplo do valor que paguei, quer pela qualidade, quer pelo sabor, mas principalmente por ter sido ofertada a mim com tanto carinho e amor.

Depois de muita insistência ela concordou em receber os 15 reais, com o compromisso de usar os 3 reais “cobrados a mais” para custear a refeição de algum peregrino que não tivesse dinheiro para pagar.

Despedi-me de Dona Natalina e alguns metros depois chorei pela segunda vez: ela me fez lembrar da minha vó Olívia, com quem morei nos primeiros anos da minha vida, em Motuca. Não sei o que houve, mas me tocou profundamente o contato com Dona Natalina. Deu até vontade de voltar e pernoitar lá, para me deliciar um pouco mais da sua conversa encantadora e da sabedoria própria daqueles que vivem no campo.

Mas eu tinha que seguir, pois tinha feito reserva na Pousada Santa Catarina.

O trecho entre a Pousada da Dona Natalina e a Pousada Santa Catarina, que fica em Tagua, é de quase 11 km. Tem uma descida íngreme muito intensa e a estrada de terra, em função das chuvas que tinham caído no dia anterior, estava muito irregular e perigosa.

No meio do caminho parei numa sombra para descansar e conversei brevemente com um morador que estava também sentado no local: o nome dele era João Batista, tinha 70 anos e me relatou que já tinha feito o Caminho da Fé, a partir de Andradas, por 6 vezes.

Desci com enorme cuidado e devo ter levado bem mais tempo do que usei na subida. Aliás, isto aconteceu quase sempre: descer é muito mais complicado que subir, mais uma lição do Caminho da Fé.

Eram quase 15 horas quando cheguei na Pousada Santa Catarina.

Por incrível que pareça, cheguei antes do grupo de ciclistas que tinha encontrado na Pousada da Dona Natalina.

Fui recebido pelo Senhor Zacarias, esposo da Dona Sônia, que é a dona da Pousada. Na verdade a Pousada é a casa da família, e eles transformaram um dos quartos em hospedaria de peregrinos.

O Senhor Zacarias disse-me que tinha condições de receber até 16 peregrinos mas confesso que fiquei em dúvida sobre onde conseguiria acomodá-los, pois no quarto que fiquei haviam apenas 2 beliches.

A casa é muito simples, mas o ambiente era muito familiar.

Estava ainda descansando na área da casa, quando chegaram os ciclistas de Mairiporã para almoçar. Eram 10 no total e estavam famintos...

A curiosidade deste grupo era que um dos ciclistas estava fazendo o Caminho da Fé em uma bicicleta motorizada. Brinquei que o grau de dificuldade para ele é praticamente “zero”, quando ouvi de um dos integrantes do grupo um argumento que me fez refletir sobre o equívoco da minha interpretação.

Ele me disse que o Caminho da Fé era algo individual, que trazia sacrifícios diferentes para as pessoas: para alguns o sacrifício físico podia ser o predominante, mas para outros, o simples fato de se ausentar por vários dias de casa e ficar longe da família já poderia ser um peso enorme.

Ele estava certo...e eu aprendia mais uma lição no Caminho da Fé.

Depois que eles partiram passei a tarde e noite conversando com o Senhor Zacarias e ele me explicou que sua esposa, Dona Sônia, tinha ido para o Santuário Nacional de Aparecida e que permaneceria lá por 3 dias e que durante este período caberia a ele receber e atender os peregrinos que se hospedassem na sua Pousada.

Falou que Dona Sônia era uma pessoa muito religiosa, que se dedicava à Igreja Católica em 6 das 7 noites da semana.

Comentou também sobre ele e o problema grave de saúde que teve por quase 15 anos e que não o levou à morte por muito pouco e graças à fé que a família tem em Deus.

Comentou que no passado ele bebia demais, mas que, graças a Deus e a sua esposa, tinha se curado do vício.

Falou também que já tinha ganhado muito dinheiro na vida e que, em função de empréstimos não pagos a parentes e amigos, tinha perdido tudo e se enterrado em dívidas.

Finalmente falou da sua intenção de fazer uma nova casa, exclusivamente para receber até 25 peregrinos. Neste ponto fiquei um pouco inquieto

porque percebi que o discurso dele era um tanto quanto materialista, que talvez ele estivesse preocupado em demasia com a possibilidade de lucrar com os peregrinos e o Caminho da Fé.

A certa altura pensei mas não tive coragem de lhe falar: refleti sobre as razões que levam uma pessoa que faz o Caminho da Fé a optar por uma Pousada Familiar, qual seja, a possibilidade de troca de experiências com outros peregrinos e com a família que o hospeda e que teve contato com outros peregrinos - este para mim deve ser o foco de quem monta uma Pousada no Caminho da Fé.

O peregrino não paga por um pouso, ou por um prato de comida, mas sim pelo carinho de quem o hospeda, pela troca de experiências, pela amizade que se conquista.

Não ter dito o que pensei foi uma boa escolha: certamente desagradaria o meu anfitrião. De outro lado, a crítica poderia ajudá-lo a qualificar a sua Pousada.

Assisti um pouco de televisão e ainda não eram 21:00 horas quando fui dormir.

O meu segundo dia de caminhada tinha se encerrado e minha fé não parava de aumentar.

4. Aprendendo que o fácil pode se transformar em difícil – De Taguá a Inconfidentes

Acordei novamente bem antes das 06:00 horas. Não tinha tido outra boa noite de sono: fiquei um pouco incomodado com a minha interpretação a respeito do acolhimento a peregrinos, depois da conversa com o Senhor Zacarias.

Tomei café, paguei a despesa pelo pouso e pelas refeições, os 65 reais previstos, e parti, quando não eram ainda 07:00 horas.

O trajeto previsto para o dia previa a próxima parada apenas na cidade de Inconfidentes, na Pousada Caminho da Fé, de propriedade da Daniela, de quem tinha ouvido muitos elogios pela forma carinhosa como acolhia peregrinos.

Realmente confirmei isso, como detalharei no transcorrer da minha narrativa.

Caminharia por mais de 25 km, num trecho considerado um dos mais fáceis de todo o Caminho da Fé: a elevação máxima era de 1077 m e como eu partia, em Tagua, a uma altitude de 929 m, na prática não teria muita subida pela frente.

Eu passaria pelas cidades de Crisólia e Ouro Fino.

Tinha me programado para um “Plano B”, ou seja, de parar e pernoitar por Ouro Fino caso me sentisse muito cansado.

O dia amanheceu muito bom para caminhada: estava ligeiramente nublado, mas não chovia e a estrada boa.

Durante o deslocamento o calor aumentou muito, o que me deu a impressão de que poderia chover no final da tarde.

Deveria então caminha com a maior rapidez possível para chegar a Inconfidentes antes da chuva.

Ceguei muito rápido na cidade de Crisólia e só parei para tomar um pouco de água.

Quatro quilômetros de caminhada adiante e, em menos de uma hora já tinha chegado a Ouro Fino. Ainda não era meio dia, o que me fez afastar de pronto a possibilidade de ficar pela cidade para pernoitar.

Em Ouro Fino passei pela famosa estátua do “Menino da Porteira”, bem na entrada da cidade. Bem bonita e majestosa! Certamente que se eu tivesse com uma câmera fotográfica eu pararia para tirar uma foto ou fazer uma selfie.

A cidade de Ouro Fino não é pequena e para atravessá-la devo ter percorrido uns 5 km de um lado a outro. Ceguei até a entrar numa Pousada no centro (Dom Paolo) com a intenção de almoçar, mas como não serviam almoço, apenas descansei um pouco para depois seguir com destino a Inconfidentes.

Decidi almoçar apenas quando chegasse na Pousada Caminho da Fé: não tinha a noção exata das horas, mas me sentia forte para prosseguir. Eu me alimentava do amendoim e das castanhas que tinha comprado desde o início da caminhada.

Da saída de Ouro Fino à Inconfidente seriam “apenas” mais 10 km.

Embora fosse de fato o trajeto mais plano até então, não sei exatamente por qual razão um cansaço intenso me tomou a partir da placa de identificação no km 242 (como expliquei no início, as placas são colocadas a cada 2 km em ordem decrescente, até chegar em Aparecida).

Estava exaurido e incerto de que conseguiria chegar no km 234, onde ficava a Pousada de Daniela.

Foi aí que aconteceu algo que até agora não achei explicação: os últimos 6 km para chegar no destino são os mais demorados, não sei exatamente por qual razão, mas muito provavelmente pela influência do cansaço.

Me concentrei então no km 240 e pedi à Deus que me desse mais forças pois as que eu tinha não eram suficientes para concluir a etapa. A esta

altura minha água já tinha acabado e não aparecia pelo caminho nenhuma bica ou casa para eu pedir.

Quando cheguei no km 240 parei e rezei um terço em agradecimento por ter chegado até lá: mesmo muito cansado, já sem água e sabendo que os próximos 6 km seriam muito demorados, ergui minha cabeça, coloquei o cajado à frente do corpo e segui.

Caminhei muito e a placa seguinte, que deveria ser a de 238 km nunca chegava.

Já estava trabalhando muito fortemente na minha cabeça a hipótese de não chegar na Pousada em Inconfidentes e de ter que dormir ao relento, quando bem distante avistei aquilo que poderia ser a tão esperada placa.

Retomei a minha motivação e aumentei a velocidade dos meus passos, afinal, depois da placa seriam apenas mais 4 km...

Quando me aproximei, sem entender, vi que a placa identificava o mesmo Km 240 que eu tinha visto muito tempo atrás. Aquilo foi um verdadeiro “banho de água fria”. Imediatamente deitei-me no chão, numa pequena sombra perto da placa e comecei a rezar novamente, para acalmar o meu coração.

Estava seguro de que não teria mais forças para seguir e teria que procurar abrigo num lugar próximo e seguro.

Voltei então a caminhar, ainda sem entender como aqueles 2 km tinham sido adicionados no meu caminho.

Não sei explicar como, mas depois de uma curta caminhada de alguns poucos minutos veio o km 238 e na sequência o km 236 e eu já entrava na cidade de Inconfidentes.

Entendi que tudo tinha sido um teste de Deus para mostrar que o fardo que eu poderia carregar era bem maior do que o que eu achava ser capaz. Nenhuma outra explicação haveria para aquele mistério.

Devo ter chegado na Pousada Caminho da Fé por volta das 14:30 horas.

Lembro-me de na entrada da Pousada, lá ao fundo, ter lido a frase: “Propriedade de Deus” e, na sequência, já ter me jogado no chão da recepção, antes mesmo de ser recebido por Daniela.

Pouco depois ela chegou, me ofereceu água e disse qual quarto eu deveria ocupar.

Descansei por cerca de umas duas horas e depois fui almoçar num restaurante que fica bem do lado da Pousada. Paguei 12 reais por uma comida maravilhosa. Neste mesmo local jantei a noite e paguei o mesmo valor.

No período da tarde conversei bastante com Daniela, que recebe peregrinos há 12 anos e tem várias experiências para dividir.

Contei-lhe o que tinha ocorrido e ela me falou que não é incomum ocorrer milagres e situações inexplicáveis durante o Caminho da Fé.

A conversa com Daniela e o acolhimento carinhoso que recebi me fizeram recuperar a energia e as forças: estava preparado para o passo seguinte.

Descansei na sua Pousada que é muito aconchegante e a um preço bem acessível (50 reais).

No dia seguinte tinha decidido que meu esforço seria menor: caminharia apenas 20 km até a próxima cidade, Borda da Mata.

5. Com a fé inabalada e a certeza de ter feito a escolha certa – De Inconfidentes a Borda da Mata

Levantei no dia 11/1 completamente recuperado do cansaço e das dores do dia anterior. O carinho e atenção de Daniela, a boa comida do restaurante vizinho e o conforto e simplicidade do quarto onde dormi me fizeram muito bem.

Não eram ainda 06:30 horas e eu já tinha tomado café, acertado a conta com Daniela e com a mochila nas costas e o cajado na mão, estava preparado para seguir.

A Pousada Caminho da Fé fica ligeiramente fora do itinerário, de tal forma que andei poucos metros para voltar no Caminho da Fé.

Não há como se confundir e se perder.

O dia novamente se apresentava como muito favorável para caminhada. Tinha chovido na noite do dia anterior e solo estava úmido, sem estar barrento.

Também tinha amanhecido sem um Sol forte, mas ele certamente haveria de “dar as caras” mais tarde.

O trajeto que percorreria no dia seria de “apenas” pouco mais de 20 km. Era relativamente plano, com uma elevação máxima de 1073 m: como Inconfidentes fica a 855 m de altura, a subida seria de pouco mais de 200 m, o que é quase nada considerando o trecho total de quase 21 km. Sabia também que enfrentaria nos últimos 4 km antes de chegar a Borda da Mata, um declive de pouco menos de 200 m, pois a cidade ficava a 887 m de altitude.

Não tinha andado nem 6 km ainda quando avistei a Pousada Morada do Sol e decidi entrar para recompletar a minha reserva de água, usar o

banheiro e aproveitar para carimbar a minha credencial (creio que ainda não escrevi a respeito disto: o peregrino compra uma credencial no início de sua jornada e deve usá-la nas Pousadas e Pontos de Apoio para ser identificado com peregrino; além disso, para comprovar a realização do Caminho da Fé, há espaços onde são apostas imagens de carimbos, de cada parada realizada em local credenciado).

O que me fez parar na verdade foi o fato de que vi que a Pousada estava em reforma e me parecia que ficaria bem bonita: pensei que, numa eventual nova peregrinação, poderia ser uma alternativa de parada. Então quis conhecer.

Não podia ter feito opção melhor do que ter parado lá.

Logo na entrada conheci Carlos, o dono da Pousada, e logo depois a sua esposa, Eliana.

O casal é simplesmente encantador!

Fiquei bem mais do que 30 minutos conversando com Carlos e Eliana.

Ela me fez um café e me tratou como se eu já tivesse ficado na sua Pousada pelo menos uma centena de vezes.

Carlos me relatou as suas experiências no Caminho da Fé: quanta diferença faz ficar na casa de quem já fez o Caminho e que tem a noção exata do que você está sentindo...

Contou um episódio em que, literalmente, surtou depois de haver ficado sem água durante um dos trechos no Caminho da Fé e ter sido, como por um milagre, socorrido por uma pessoa que estava no carro de apoio de uns ciclistas que realizavam o Caminho.

Depois de ter passado por isto, Carlos me disse ter feito uma promessa de jamais cobrar de qualquer pessoa pela água que oferece. Ele havia aprendido o desespero que causa a um homem a falta deste bem natural tão valioso e para o qual damos tão pouca importância no dia a dia.

Mas a coisa mais importante e marcante que Carlos me falou foi a metáfora que fez a respeito da comparação entre o Caminho da Fé e a vida. Ele me disse que o Caminho da Fé é exatamente a representação de um resumo da nossa vida: com dias às vezes muito difíceis e cansativos, com quedas e fracassos e outros mais leves, sem atropelos e com vitórias.

Também me explicou que o Caminho da Fé é sempre individual, ainda que se faça com um grupo: cada pessoa terá uma reação a ele, de cada uma será exigido um nível de esforço físico, psicológico e espiritual, cada um vê e aprecia os cenários com que se depara de um jeito, levando em conta principalmente as suas experiências e a motivação que o levou ao Caminho.

Pensando agora sobre isto parece muito óbvio, mas eu nunca tinha me atido a tamanho conhecimento sobre o Caminho da Fé.

Os momentos breves com Eliana e Carlos me acrescentaram muito e não de marcar para sempre a minha vida.

Mas como eu tinha mais 15 km para seguir e queria chegar em Borda da Mata o quanto antes, se possível antes do almoço, para poder descansar um pouco mais, me despedi dos novos amigos que o Caminho da Fé havia me dado e voltei para a estrada.

Não tive nenhuma dificuldade no caminho entre Inconfidentes e Borda da Mata e nada de anormal ocorreu até a minha chegada na cidade.

Como tinha sido orientado que a Pousada onde ficaria não se situava exatamente no itinerário do Caminho da Fé, tinha combinado com o seu proprietário, Senhor Lázaro, que logo que encontrasse um “orelhão” na cidade eu já faria contato para combinarmos um encontro.

Assim fiz assim que entrei em Borda da Mata: liguei, fui atendido pela Dona Cida, esposa do Senhor Lázaro, que acertou comigo que o seu filho, Matheus, me pegaria defronte a igreja da cidade.

Andei mais cerca de 1 km até a igreja e me encontrei com Matheus, que me levou com o seu carro até a Pousada Nossa Senhora de Fátima.

A Pousada era a casa do casal Cida e Lázaro, que se mudou para a edícula, enquanto reformam uma outra casa que fica no mesmo terreno, onde pretendem morar e receber mais peregrinos.

Foi um dos locais mais confortáveis que fiquei: super bem arrumada, limpa e mobiliada, a Pousada conta até com uma piscina pequena que pode ser usada pelos peregrinos para relaxamento.

Cheguei a tempo de pegar o almoço simplesmente maravilhoso da Dona Cida. Tive um rápido contato com o Senhor Lázaro, pois ele ainda está trabalhando em uma Loja de produtos para animais e só passou na

Pousada para me conhecer. É sua intenção em breve dedicar-se exclusivamente à Pousada, conforme me relatou.

Falei um pouco mais com Matheus e Dona Cida: ele um jovem super do bem, disciplinado e amoroso com os pais; estuda engenharia na Universidade Federal de Itajubá. Já Dona Cida é aquela Tia querida, muito atenciosa e que cozinha por vocação.

Conversamos muito durante o almoço e no período da tarde todos saíram e eu fiquei sozinho na Pousada, quando aproveitei para descansar e relaxar.

No final da tarde retornaram todos.

Acompanhei Dona Cida fazer o jantar (mais uma vez magnífico!) e comemos todos juntos, como fôssemos uma família. Foi realmente muito bom.

Dona Cida e o Senhor Lázaro são membros da igreja da cidade e estão muito motivados com a Pousada e com os peregrinos que recebem: parecem ter atingido o equilíbrio entre dar apoio e acolhimento aos peregrinos e também serem remunerados por isso.

Ficaram o tempo todo comigo falando das experiências com outras pessoas, comentando sobre o que tinham ouvido falar sobre alguns trechos do Caminho da Fé. Enfim, valeu cada centavo que lhes dei – definitivamente lá não paguei para dormir ou para tomar banho, mas sim para “continuar no Caminho da Fé” sem estar dando passos numa estrada. É isso que, na minha opinião, um peregrino deseja quando escolhe ficar numa Pousada.

Entre as várias coisas que conversamos, uma me chamou a atenção: o casal havia me dito que na noite anterior havia dormido na Pousada uma peregrina que tinha começado a sua jornada a pé da cidade de Sertãozinho, que tinha enfrentado problemas com lesões nos seus pés, mas que tinha seguido adiante e deveria estar chegando em Estiva, quando eu chegasse em Tocos de Mogi, que era meu objetivo para o dia seguinte.

Fiquei muito tocado com a história da tal moça, que depois acabei sabendo que não era bem aquela: ela tinha realmente saído de Sertãozinho e se deslocado apenas para uma ou duas cidades à frente quando teve os problemas de bolhas nos dedos e nos calcanhares. Foi

então socorrida para Ribeirão Preto e ficou por dois dias tratando de suas lesões. Insistindo em continuar o Caminho da Fé, ela recebeu recomendação médica para que reiniciasse o Caminho a partir de Águas da Prata, pois a chance de caminhar sozinha ou de não encontrar apoio pelo caminho seria muito menor.

O médico que a tinha atendido fizera o Caminho da Fé e sabia da sua dificuldade e da eventual necessidade de apoio que ela poderia ter.

Tive todas estas informações não pelas bocas de Dona Cida ou do Senhor Lázaro, mas da própria Maria Cristina, a tal peregrina, com quem me encontrei em Estiva no final do dia seguinte, conforme escreverei adiante.

Depois do jantar com a família do Senhor Lázaro fui ver um pouco de televisão, acompanhado dele e de Matheus. Conversamos mais um pouco sobre amenidades, quando o sono bateu em todos e fomos dormir.

Embora o meu planejamento inicial fosse ir até Tocos de Mogi que fica a apenas 15 km de Borda da Mata, em função da curiosidade que me despertou a história de Maria Cristina, aquilo que seria “mamão com açúcar” acabava de se transformar em “carne de peçoço”: decidira que na manhã seguinte a minha jornada seria a mais pesada desde o início do Caminho da Fé – seguiria até Estiva passando por uma das Serras mais difíceis de todo o Caminho, a famosa Serra do Caçador. Seriam não mais 15, mas sim 35 Km de caminhada em terrenos difíceis.

Acordei bem cedo, tomei um delicioso café com Dona Cida e Senhor Lázaro, paguei pela experiência da maravilhosa convivência com eles (a conta ficou 80 reais, sendo 50 reais pelo pouso e 15 reais para cada uma das duas refeições que fiz).

Como a Pousada ficava um pouco fora do Caminho da Fé, andei um trecho por um caminho alternativo, por 4 km numa rodovia um pouco movimentada e que exigia de mim muita atenção em função do risco de acidentes, até retomar o caminho normal.

E segui pensando em chegar em Estiva para encontrar a peregrina cuja história tinha me inspirado.

6. Correndo atrás do que poderia ser uma inspiração – De Borda da Mata a Estiva

A motivação por encontrar a peregrina que tinha partido de longe e a boa recuperação que tive na Pousada Nossa Senhora de Fátima me motivaram a alterar os meus planos e reduzir em um dia a minha caminhada: não iria mais andar apenas 20 km para em Tocos de Mogi, mas sim, percorreria quase 39 km para chegar em Estiva.

Como na cidade de Estiva existem apenas 2 Pousadas cadastradas, sendo uma delas um hotel fazenda que fica mais 3 km adiante da cidade, seria muito provável que eu encontrasse Maria Cristina, na Pousada da Poka, a mais famosa da cidade.

Foi assim que, depois de tomar um belo café, com direito a levar um lanche e frutas a mais para viagem, que me despedi do Senhor Lázaro e da Dona Cida e segui meu caminho.

Andei inicialmente por um trecho alternativo, uma rodovia de mão dupla, que fica próximo à Pousada Nossa Senhora de Fátima e que nos leva, depois de 4 km, de volta ao Caminho original.

Sinceramente não gostei do caminho: primeiro por não ser o original do Caminho da Fé e, segundo, pelo grande volume de carro que circula na via, que não possui acostamento. Você então é obrigado, quando da aproximação de carros em qualquer sentido, a entrar para dentro do mato que fica na beira da rodovia, para não correr risco de ser atropelado.

Outro fato que me incomodou é que, não sendo o caminho original, não há sinalização específica do Caminho da Fé, de tal forma que andei por quase 4 km sem ter a certeza de que estava no lugar certo ou de que reencontraria o caminho principal.

Numa outra oportunidade, pedirei para ser deixado próximo da igreja, no mesmo local em que Matheus, o filho do Senhor Lázaro e da Dona Cida, tinha me pegado quando cheguei no dia anterior.

Mas enfim, localizei o Caminho da Fé e no km 210, dei sequência à caminhada original.

Logo que comecei a caminhar percebi metros adiante um cachorro, que latia muito, mas que não me assustava pois acreditava naquela máxima segundo a qual “cão que late não morde”.

De fato foi isso, o cachorro, quando me aproximei, veio na minha direção, começou a mexer o rabo e a pular em mim. Retribui o carinho nele e arrumei um grande problema: o cachorro começou a me acompanhar e, muito embora eu insistia com ele para que ficasse, ele me desobedecia e continuava me seguindo.

Fiquei muito preocupado porque o cachorro poderia ser de uma família, ou pior ainda, de uma criança, e se continuasse andando muito ao meu lado, poderia ir tão longe que não soubesse voltar.

Eu tentava de tudo, mas ele não me atendia para retornar.

Tomei a decisão de parar para tentar “conversar” com ele e convencê-lo a não me seguir, mesmo porque eu teria ainda pela frente 210 km, o que seria pesado para ele...

Acho que a minha conversa convenceu...ou no mínimo que ele não estava com disposição de ficar parado: poucos minutos depois, sem me falar “tchau”, o cão virou as costas e saiu correndo na direção do local onde tínhamos nos encontrado.

Há pelos caminhos muitos cães e creio que não seja incomum alguns deles quererem acompanhar peregrinos: embora a companhia de um animal de estimação numa atividade como esta possa ser interessante para diminuir um pouco os momentos de solidão, é preciso lembrar que o animal provavelmente tenha um dono, que sentirá sua falta. Além disso, a maioria dos locais de apoio não tem qualquer estrutura para receber animal de estimação.

A dica que eu dou é a de, quando passar por cachorros, você não olhar para a carinha deles, nem dar muita atenção. Isto pode lhe evitar problemas e aborrecimentos futuros.

A jornada entre Borda da Mata e Tocos de Mogi, de pouco mais de 20 km não foi fácil: passa-se por um terreno bastante acidentado, com aclives e declives, que embora de elevação não tão alta (não chega a 1100 m,

sendo que se parte de Borda da Mata que fica a 853m de altitude), tem muitos morros concentrados (próximos). A angulação em alguns locais é tão forte que você tem a impressão que é de 90 graus.

Pode-se considerar que é um trecho difícil, mas vencível com mais facilidade que o próximo que eu teria pela frente, particularmente por fazê-lo primeiro e logo no começo da manhã.

Cheguei em Tocos de Mogi perto do horário do almoço e queria almoçar na Pousada da Tonha, local onde inicialmente tinha agendado para pernoitar.

A cidade de Tocos de Mogi é cheia de subidas e descidas, porém no Caminho da Fé, as subidas são em número maior e em maior grau de dificuldade.

Parei um pouco na praça da cidade para conversar com dois ciclistas peregrinos com os quais tinha me encontrado pelo Caminho alguns quilômetros antes de chegar a Tocos de Mogi. Eles também iriam parar em Estiva, na Pousada da Poka, mas permaneceriam um pouco mais de tempo em Tocos, para fazer imagens, descansar e almoçar.

Falei a eles da minha pretensão de seguir para Estiva e eles se assustaram com a minha motivação para caminhar um bom trecho ainda: um deles já tinha feito o Caminho da Fé outras vezes e me adiantou que eu teria pela frente uma serra de muita dificuldade, com subidas e descidas muito íngremes.

Mas eu não tinha o que lamentar, pois foquei o objetivo de chegar a Aparecida e, para concretizá-lo venceria tudo que viesse pela frente, inclusive os terrenos mais difíceis.

Tinha vencido a Serra do Caçador entre Borda e Tocos e partiria para também vencer a famosa “Serra do Pântano”, na estrada que liga Tocos de Mogi a Estiva.

Nos despedimos e combinamos de conversar mais quando chegássemos na Pousada da Poka.

Pedi para um morador da cidade informação sobre onde era a Pousada da Tonha mas, ou ele me informou errado errado ou não prestei atenção: o fato é que fui caminhando, caminhando e quando me dei conta já tinha atravessado Tocos de Mogi e estava de novo numa estrada de terra.

Como tinha lanche, amendoins e castanha e o meu estoque de água estava completo, avalei que não faria o que é para o peregrino uma das piores tarefas, voltar para trás quando se passa direto de um local: isto significa fazer por 3 vezes o mesmo caminho e desperdiçar forças que são sempre importantes mais para frente.

Então decidi deixar para almoçar na Pousada da Tonha numa outra oportunidade e segui para Estiva.

O trecho entre Tocos de Mogi e Estiva foi para mim, até aquele momento, o mais difícil: as subidas e descidas são muito intensas e formam uma espécie de “M”, ou seja, você sobe muito e na sequência já tem uma descida “brava”: é uma sequência de “diretos” e “cruzados”, que só não derruba o lutador se ele estiver muito forte e obstinado.

Já tinha andado bem mais do que as minhas forças permitiam, quando me deparei com um homem, que subia a serra na minha direção. Parei para conversar e perguntar se eu ainda estava longe de Estiva, pois o tempo estava ficando nublado e tudo o que eu não queria era pegar chuva naquela serra tão difícil.

Ele então explicou-me que eu estava ainda há umas 2 horas de Estiva e que ainda não tinha pegado o trecho mais difícil do caminho, apontando-me com o dedo o cume da Serra, que devia estar uns 4 km de onde conversávamos.

Nos despedimos, mentalmente agradei a ele o “estímulo” e segui.

Já tinha na minha mente que seria mais provável encontrar Maria Cristina na Pousada da Poka, pois no caminho tinha perguntado da sua passagem pelo local, a algumas pessoas e me informaram que ela estava a pelo menos 1 hora na minha frente.

Como estava teoricamente a 2 horas do meu destino, acreditava que não conseguiria alcançá-la antes da cidade.

Quando já estava bem perto da entrada de Estiva, a uns 2 km, já exaurido com os quase 39 km percorridos no dia, boa parte deles num Sol escaldante, avistei uma lanchonete, literalmente no “meio do nada”, que na sua frente tinha uma placa de publicidade escrita “Caldo de Cana Gelado”: imaginei que o dono do estabelecimento tenha contratado a agência de publicidade do Washington Olivetto para fazer o seu

“marketing” pois qualquer cidadão que chega naquele local o que mais deseja na vida é um caldo de cana gelado.

Embora convencido pelo marketing, estava já sem forças para desperdiçar que pensei: se tiver que subir elevação para entrar no bar, abro mão do caldo de cana e sigo para a cidade.

Para minha sorte não foi preciso e consegui tomar o tão desejado caldo de cana ou, como chamam na minha terrinha, “garapa”.

Mas não foi só o caldo de cana e o acolhimento carinhoso dos proprietários que encontrei: havia me encontrado também com a Maria Cristina, que tinha parado no local para descansar um pouco e beber o caldo de cana.

Nos apresentamos, falei com ela sobre em que circunstâncias tinha ouvido falar dela e que admirava a sua persistência em fazer o Caminho da Fé, desde Sertãozinho, ou seja, quase 600 km de caminhada.

Seguimos juntos até a Pousada da Poka e continuaríamos juntos por mais alguns dias, conforme relatarei mais adiante.

Até a chegada em Estiva, Maria Cristina esclareceu-me o que de fato tinha se passado com ela: ela saiu de Sertãozinho no dia 01 de janeiro e já na segunda cidade, em função das lesões que sofreu no pé, por efeito de bolhas, foi levada a um médico em Ribeirão Preto, onde permaneceu em atendimento e observação por dois dias.

Como o médico que a atendeu também tinha feito o Caminho da Fé, em face da insistência dela por também realizá-lo, depois que as suas lesões melhoram um pouco, ele autorizou com a ressalva de que ela deveria retomar a partir de Águas da Prata, uma vez que como era a parte principal do Caminho da Fé, a chance dela ser apoiada por outro peregrino ou ciclista que estivesse fazendo o Caminho da Fé seria muito maior.

Ela tinha recomeçado o Caminho da Fé em Águas da Prata no dia 06/01, ou seja, dois dias antes de mim.

Durante a caminhada até Estiva ela me mostrou fotos de como estavam seus pés no ápice da crise e fiquei “horrorizado” – com absoluta certeza, se meus pés estivessem como estavam os delas eu não teria condições de fazer o Caminho da Fé.

Logo percebi que Maria Cristina era muito comunicativa, falava o tempo todo sem parar.

Falou sobre seu trabalho, sobre sua vida e sobre fatos que a marcaram profundamente, dando ênfase ao momento do falecimento do seu pai, de quem era muito próxima.

Comentou que tem cidadania holandesa, que já morou fora do país, que já foi estagiária do Ministério Público, que tinha se formado em Farmácia e depois em Direito...falou ...falou....e depois falou mais...

Não consegui ao certo saber se Maria Cristina fazia o Caminho da Fé por turismo ou por uma causa espiritual, de autoconhecimento ou agradecimento.

Ela estava se orientando a todo tempo com um amigo, creio que se chamava Fábio, que mora em Foz do Iguaçu e que, pelo aplicativo “whatsapp” lhe dava dicas do Caminho da Fé: sobre as dificuldades que teria, onde deveria parar, o que deveria prestar atenção, etc...

Chegamos bem no final da tarde na Pousada da Poka.

A Pousada mais parece um hotel e fica em cima de uma Padaria, que também é da mesma proprietária.

O local estava lotado de peregrinos e de ciclistas, de modo que tive que ser ágil na lavagem da minha roupa, pois o tempo para secar seria menor e havia muita gente para usar a lavanderia.

Depois de ajeitar minhas coisas, desci para a frente da Padaria para conversar um pouco com os outros peregrinos e também para usar o “orelhão” que tinha em frente para avisar os meus parentes que tinha cumprido mais um dia da minha jornada e que estava em segurança.

Tentei várias vezes e não estava conseguindo fazer a ligação.

Nisto aproximou-se de mim um homem que já estava no local quando eu cheguei a Pousada. Ele começou conversar comigo e a dizer que já tinha feito o Caminho da Fé por várias vezes e que saía na maior parte das vezes de Tambaú, ampliando a jornada para 400 km. Disse ainda que agora estava voltando de Aparecida e que tinha concluído a sua caminhada em 5 dias, ou seja, andando 80 km por dia.

Também mostrou a mim o seu celular com diversas fotografias em que aparece ao lado de outros peregrinos pelo Caminho da Fé, na Igreja de Tambaú, em Aparecida do Norte e em alguns marcos importantes do Caminho.

A conversa me fez acreditar no seu discurso e a criar em relação a ele alguma confiança.

Como ele percebeu que eu não estava conseguindo fazer as ligações, ofereceu o seu aparelho celular para que eu ligasse, afirmando que tinha créditos e que não custaria nada a ele.

Aceitei a sua oferta e usei o telefone, fazendo contato com meus pais e com minha companheira.

Logo em seguida, agradei e subi para meu quarto.

Passados alguns poucos minutos, desci novamente com Maria Cristina, pois iríamos jantar num restaurante que ficava próximo à Pousada.

Neste momento fui abordado de novo por ele que, aparentando muita humildade, disse que estava sem dinheiro para voltar para casa, pedindo a mim se não poderia arrumar a ele 5 reais.

Envolvido pela ajuda que ele tinha me dado antes, dei-lhe uma nota de 10 reais, agradei e desejei boa viagem.

Mas achei estranho o pedido de ajuda e na hora veio na minha cabeça que eu não tinha apagado o número dos telefones dos meus parentes no celular dele e que, caso ele tivesse alguma má intenção, poderia ligar para eles e inventar uma história de sequestro por exemplo, afinal tínhamos conversado e ele sabia que eu iria para Aparecida e não tinha contato permanente com os meus parentes.

Resolvi então entrar em contato com minha Mãe pedindo para que ela também avisasse minha esposa de que se aparecesse no telefone delas o número que eu tinha usado era para não atender, pois poderia ser algum mal intencionado.

Dito e feito: o sujeito ligou para minha esposa três vezes e graças ao meu aviso tempestivo ela não atendeu.

Certamente ele não tinha boa intenção e abusou da confiança que imaginou ter conquistado de mim.

Serviu-me para entender que pelo Caminho da Fé não encontraremos somente almas boas, mas também sujeitos de má índole. É preciso muita atenção para discerni-los, conforme abordarei nos capítulos finais deste livro.

Jantamos num restaurante pertinho da Pousada da Poka: comemos comida boa (bife a parmegiana com acompanhamentos) e a conta ficou 12 reais para cada um.

Depois do jantar voltei para a Pousada e me recolhi no meu quarto mais cedo pois precisava descansar, afinal tinham sido quase 40 km de caminhada num único dia. Nem eu imaginava que suportaria tanto.

Havia combinado com Maria Cristina que seguiríamos juntos, no dia seguinte, para a cidade de Consolação, distante “apenas” 18 km de Estiva.

Tínhamos previsto a saída para as 07:00 horas.

O dia seguinte deveria ser um pouco mais tranquilo, mas diante do que passei no outro trecho que também achava fácil (entre Taguá e Inconfidentes), fui dormir com “um pé atrás”.

7. Quando a chuva chega para provar a sua fé – De Estiva a Consolação

Tive uma das minhas piores noites de sono durante todo o Caminho da Fé: muito embora as acomodações da Pousada da Poka sejam até boas, pelo fato de ter caminhado tanto tempo em um terreno tão acidentado no dia anterior, senti bastante o cansaço e não consegui me recuperar adequadamente.

Mais uma lição que aprendi no Caminho da Fé: o excesso de um dia sempre é pago no seguinte.

Pela primeira vez amanheci com as mesmas dores que sentia no pé antes de dormir. Não tinha bolhas ou lesões, mas sentia uma sensação de desconforto nos ossos e nos músculos de meus pés e canelas.

Como caminharemos somente pouco mais de 18 km entre Estiva e Consolação, combinei com Maria Cristina que poderíamos sair um pouco mais tarde, lá pelas 07:30 horas.

Tinha acordado bem antes disso e permanecido na cama, massageando os pés com arnica para ver se conseguia minorar a dor.

Tomei coragem me levantei, me arrumei, ajeitei minha mochila e deixei apenas o tênis para colocar por último, perto da hora de sair.

Eram 7 horas quando descii para tomar café, na expectativa de já me encontrar com Maria Cristina, pois este era o horário que tínhamos combinado.

Não escrevi sobre uma particularidade importante minha até agora: sou muito sistemático e metódico e, uma vida inteira pertencendo aos quadros de uma Instituição Militar me fez tratar compromissos e horários com um rigor muito maior do que a média das pessoas.

Nosso café começou bem depois das 07:00 horas e isto foi para mim um grande desconforto, que se acumularia a outros e que, mais adiante como abordarei, me faria voltar a caminhar sozinho.

Já passavam das 08:30 horas quando paguei a minha conta na Pousada (ficou 60 reais já com café da manhã incluso).

Saímos então com destino à cidade de Consolação, onde pernoitaríamos na Pousada da Dona Elza, uma pessoa também bastante conhecida no Caminho da Fé.

Embora curto, o trecho entre Estiva e Consolação, ele não é simples. Talvez sua dificuldade tenha se acentuado por conta das minhas dores no pé, mas confesso que senti bastante esta parte do Caminho da Fé.

O trecho tem uma subida muito intensa, atingindo o topo da Serra, no seu ponto mais alto, 1268 m de altura, o que representa mais do que 450 m de subida, considerando a altimetria da cidade de Estiva, de onde partimos. As descidas são poucas e mais leves, o que compensa um pouco a “dureza” das subidas na Serra.

O tempo todo fui conversando com Maria Cristina: mais ouvindo o que ela falava do que propriamente eu falando. Exercitei bastante a minha face de ouvinte.

Ela era muito extrovertida e gostava de falar sobre a sua vida e as suas experiências, enquanto eu preferia apenas ouvir e tentar, dentro do possível, me focar no Caminho da Fé.

Em pouco tempo comecei a perceber que, para o meu caso, estar sozinho seria melhor do que estar acompanhado. E não digo isto fazendo qualquer crítica à peregrina que me acompanhava, mas sim pelo fato de que no nosso caso em concreto, o Caminho tinha objetivos diferentes para cada um de nós.

Atrevo-me até a sugerir àqueles que estão se sentindo motivados a fazerem o Caminho da Fé como mais alguma pessoa ou em um grupo, para que avalie esta minha experiência: julgo ser muito importante que o pensamento dos peregrinos que realizam juntos o Caminho da Fé devam estar “alinhados”, sob pena de, em caso contrário, sem que se deseje, um acaba prejudicando o outro, comprometendo a sua energia e motivação, tão necessários no Caminho da Fé.

Claro que, por questões de segurança e de apoio, realizar o Caminho da Fé acompanhado é sempre melhor do que sozinho: e a forma que planejei fazer, ou seja, apenas acompanhado de Deus, sem relógio e sem aparelho celular, é desaconselhável para a maioria das pessoas.

Mas devo dizer, para mim foi muito bom!

Quando me deslocava ao lado de Maria Cristina, em função dos diálogos que era normal que tínhamos, parei de fazer algo que fazia muitas vezes durante o tempo em que caminhei sozinho: a rezar, a falar com Deus... e isto estava me fazendo uma falta enorme.

Em pouco tempo de caminhada já tinha certo que não duraria muito tempo a nossa parceria e que, na hora adequada cada um de nós voltaria a caminhar sozinho.

Já tínhamos caminhado algum tempo quando descobrimos uma capela que fica no km 166 do Caminho da Fé e que havia sido reformada pelos peregrinos. O que ela tem de diferente é o fato de que é usada pelos peregrinos não só como um espaço de descanso e orações, mas também como uma espécie de local de doações: os peregrinos costumam deixar água, medicamentos, roupas e outros objetos que julgam poder servir aos outros peregrinos que vem pelo Caminho e que talvez precisem de alguma ajuda.

No local se encontra de tudo um pouco e você pode tanto receber, quanto doar algo.

Achei um local muito especial e foi lá que consegui rezar o primeiro terço e agradecer a Deus por tudo o que tinha me permitido viver até então, depois de um longo período sem conseguir fazer isto.

Não ficamos muito tempo e, depois de uma breve hidratação e refeição, seguimos nossa jornada até Consolação.

Tinha a previsão de chegar à Pousada da Dona Elza antes das 14:00 horas, mas quando faltavam uns 8 km para chegar na entrada da cidade de Consolação, pegamos a chuva mais pesada de toda a nossa caminhada, o que nos atrasou.

Foi uma pancada de água que durou uns 30 minutos, mas veio acompanhada de muitos trovões e raios, o que aumentava muito o risco de acidente na área rural.

Cobrimos as malas com as capas de chuva e, pela graça de Deus, poucos metros adiante encontramos um pequeno estabelecimento comercial, literalmente no “meio do nada” e lá permanecemos protegidos, especialmente dos raios que não paravam de cair.

Só voltamos a caminhar depois que a chuva parou completamente e, no restante do trecho até Consolação pegamos muito barro, muita pedra, de tal sorte que a velocidade do nosso deslocamento foi muito reduzida.

Entramos na cidade quando já eram 16:20 horas e, famintos, já paramos em uma lanchonete que é credenciada pela Associação dos Peregrinos do Caminhos da Fé, onde carimbamos as credenciais e comemos um lanche de pão com linguiça maravilhoso (este adjetivo certamente potencializado pela fome que eu estava sentindo). Gastei 12 reais, incluindo a bebida ingerida.

Seguimos então para a Pousada da Dona Elza.

Ao chegar lá soubemos que a Dona Elza não é mais a dona, pois arrendou o estabelecimento para que seu filho, de nome Jaime, administrasse.

Tinha ouvido falar muito bem de Dona Elza e queria muito conhecê-la.

Felizmente, depois do jantar acabei tendo esta oportunidade, trocando com ela breves palavras, que já me puderam ter a percepção de que ela é mesmo um ser iluminado.

Tinha ficado à frente da Pousada por mais de 14 anos e só parou por problemas de saúde. Mesmo sem ser a dona e morando agora na área rural, sempre que pode ela vai até a Pousada para conversar com os peregrinos.

Quando Maria Cristina relatou a ela que estava sentindo dores nas costas ela de pronto se voluntariou a ir buscar na sua chácara um aparelho massagador para que ela usasse.

Dona Elza me impressionou muito bem... ela era exatamente como tinham me falado: uma alma generosa.

O filho dela, Jaime, e a sua família que agora estão na direção da Pousada, e eu pude constatar que ainda estão se ambientando: são muito tímidos e conversam muito pouco (pelo menos foi assim conosco). Penso que o tempo e as orientações de Dona Elza os farão manter o bom nível construído.

A Pousada é muito simples e fica bem defrente da Igreja da cidade.

No dia em que estávamos lá estava armada uma tenda na praça central e soubemos que haveria a apresentação de um DJ.

Decidimos antes de jantar que iríamos assistir uma missa, que começaria às 19 horas.

Assim fizemos...

Durante a missa, o Padre que a presidia, e que se chamava Mauro, mas era carinhosamente chamado pela comunidade de “Maurinho”, perguntou aos presentes se havia alguém que não era da cidade e o que faziam na localidade: nesta ocasião fomos identificados com peregrinos do Caminho da Fé e, ao final da cerimônia, fomos chamados à frente para receber uma bênção especial.

Jantamos depois da missa junto com um grupo de evangélicos que também estavam na cidade para participar de um evento da igreja deles.

Não sei se foi impressão pois imagino que não sabiam que éramos peregrinos, mas tive a percepção que nos trataram com algum descaso, me senti um tanto quanto “invisível” aos olhos deles.

Mas enfim, pode ter sido apenas uma avaliação equivocada de minha parte.

Embora até tenha pensado em ir um pouco na Praça para ver o movimento das pessoas, acho que a bênção do Padre me trouxe tanto alívio que o sono não demorou a chegar.

Vi só mais um pouco de televisão e ainda não eram nem 21:00 horas quando peguei no sono na sala da casa e fui para o quarto dormir. Maria Cristina já tinha ido para o seu quarto muito antes.

O dia seguinte nos reservava 28 km de caminhada e a perspectiva de ficar num lugar bem confortável, a Pousada Casa da Fazenda, que em vários cartazes de publicidades que vimos pelo Caminho da Fé oferecia gratuitamente algo que eu precisava muito: uma sessão de escalda pés.

Devo até ter sonhado com isto...

Tinha combinado com Maria Cristina de sairmos, no máximo às 06:30 horas da Pousada da Dona Elza para chegar mais cedo e aproveitar as comodidades que se anunciavam existir na Pousada de Paraisópolis.

Mais uma vez, para meu desconforto, atrasamos a saída...

Mas sobre isto, escrevo no próximo capítulo.

8. Sonhando com o escalda pés – De Consolação a Paraisópolis

Dona Elza fez falta na Pousada que leva o seu nome: o seu filho Jaime, muito tímido, ainda não assimilou a experiência de sua Mãe no que se refere ao acolhimento a peregrinos.

Não posso reclamar da qualidade da acomodação, da comida ou da limpeza da Pousada, mas faltou um pouco daquele “algo mais”, da troca que deve existir entre quem recebe e quem é recebido...aquilo que eu tinha recebido da Dona Natalina, da Dona Cida e do Senhor Lázaro e que receberia mais adiante.

Aliás, que senti da própria Dona Elza, nos 10 minutinhos que tivemos de prosa.

Mas tenho certeza de que o tempo fará Jaime entender a sua importância para aqueles que ele recebe na sua Pousada.

Minha crítica aqui é construtiva, pois almejo fazer outras vezes o Caminho da Fé e quero novamente parar em Consolação.

Mais uma vez atrasamos o horário da saída e isto me incomodou bastante, mas preferi guardar para mim a insatisfação que sentia: sei que sou muito chato com a questão do tempo e o Caminho da Fé também era uma boa oportunidade para trabalhar isto em mim.

Saímos bem depois das 07:30 horas, quando o previsto era ter tomado café da manhã às 06:00 horas e já saído.

As mulheres de uma forma geral já levam mais tempo para se arrumar e, Maria Cristina, por ter que dispensar um tratamento mais detido com seus pés, demorava ainda mais.

Porém, nada que dormir e acordar 15 minutos antes não resolvesse...pronto falei!!!

Paguei os 60 reais devidos a Jaime pelo pouso e pelas refeições e partimos rumo a Paraisópolis.

Seria um dia difícil, com 28 km de caminhada, porém descansaríamos no lugar mais luxuoso até então: a Pousada Casa da Fazenda, cuja publicidade já tinha visto desde muitos quilômetros antes, oferecia piscina, massagem,

comida de boa qualidade e o que eu mais sonhava nos últimos dias: uma sessão de escalda pés.

O trecho entre Consolação e Paraisópolis não é difícil, mas para mim o fator complicador foi o fato de que no dia anterior tínhamos tomado chuva e, embora tenha deixado o meu tênis a noite toda atrás da geladeira, ele ainda estava úmido.

É muito ruim caminhar com os pés molhados dentro de um tênis, sem contar o odor indesejável que ele provoca nas meias: as minhas foram descartadas assim que cheguei na Pousada. Não haveria sabão em pó e amaciante que atenuassem o cheiro insuportável do suor com a umidade.

Durante a caminhada eu e Maria Cristina conversamos muito e praticamente repetimos o mesmo repertório de assuntos, o que me fez concluir que a nossa jornada juntos, para o bem de ambos, deveria se encerrar, pois já não acrescentávamos um ao outro.

Ela estava fazendo o Caminho da Fé seguindo as orientações de um amigo, de nome Fábio, que já tinha feito antes. Salvo engano ele era de Foz do Iguaçu e eles conversavam sempre pelo aplicativo “whatsapp”.

E ela queria seguir rigorosamente as dicas do seu amigo e, conseqüentemente, também me influenciar para fazer o que ele ditava.

Aquilo foi me desagradando muito porque eu não estava ali para fazer o Caminho dos outros, mas sim o meu Caminho da Fé: tinha escolhido não levar relógio, nem aparelho celular justamente para não me influenciar por nada, nem ninguém.

Mas não era o que estava acontecendo, e isto estava me deixando triste.

Outro ponto que me desagradou é que Maria Cristina estava usando um aplicativo no seu celular, chamado “Wikiloc”, que trás informações sobre trilhas, inclusive o Caminho da Fé.

O aplicativo é muito bom para quem quer saber com antecedência que desafios terá pela frente, quanto tempo falta para alcançar o próximo destino, qual a altimetria dos lugares, enfim, não ser pego de surpresa.

Nada tenho contra o uso de tal aplicativo, mas para mim, que estava em busca de desafios e que queria me surpreender com o que vinha pela frente, saber antes era péssimo.

Maria Cristina vez ou outra me dizia “não quero te desanimar não, mas temos pela frente uma subida de tantos metros...”. E em outro momento falava: “não quero te desanimar, mas vai vir daqui a pouco uma descida pesada que não sei se vamos aguentar...”

Ouvi várias vezes este tipo de mensagem pessimista até que não aguentei e respondi que eu estava preparado para encarar e vencer qualquer que fosse a subida e a descida e que nada me faria desanimar no Caminho da Fé.

Ela deve ter entendido o meu recado, pois não repetiu mais o tal discurso durante todo o resto do tempo que caminhamos juntos.

Tinha tomado a decisão que subiria com ela até a Serra da Luminosa, que muitos tinham apontado como a mais difícil de todo o percurso e que, antes de Campos do Jordão já voltaria a caminhar sozinho.

Esta minha posição se fortaleceu ainda mais quando ela me disse da sua intenção de ficar em Campos do Jordão numa Pousada perto da Praça de Capivari para que a noite pudesse ir ao Bar Baden Baden: não era o tipo de local e programação que eu estava disposto a frequentar durante o Caminho da Fé.

Tinha me programado para ficar em Campos do Jordão num lugar que tinha ouvido falar muito bem e que tinha tudo a ver com a peregrinação no Caminho da Fé: o Refúgio dos Peregrinos.

E foi o que fiz, como escreverei mais adiante.

Chegamos na cidade de Paraisópolis bem depois do horário inicialmente programado: já passava das 15:00 horas quando entramos numa lanchonete que é ponto de apoio do Caminho da Fé para almoçar. Pagamos 18 reais por um prato executivo e bebidas.

Teríamos mais 6 km para chegar na Pousada Casa da Fazenda e para lá seguimos.

O dono, chamado Edson, nos esperava na entrada da Pousada, que é na verdade a Casa Sede de uma fazenda do século passado.

Edson pareceu-me uma pessoa muito culta e chamou-me especial atenção o fato dele sempre nos chamar pelo nome.

Ele falava sobre todos os assuntos, de artes a política, passando por futebol, história e atualidades com uma naturalidade que dava gosto. Foi muito bom conversar com gente tão inteligente.

A Pousada era muito confortável: aquelas casas antigas, de pé direito alto, cômodos grandes, super limpa e bem cuidada.

É o próprio Edson que administra a Pousada e, quando tem um número grande de hóspedes, contrata funcionários temporariamente. A Pousada, embora seja credenciada no Caminho da Fé há mais de 12 anos, não recebe apenas peregrinos, mas também turistas.

Com certeza voltarei um final de semana lá para “turistar”, bem como para peregrinar na próxima vez que fizer o Caminho da Fé.

Depois de me acomodar num quarto confortável, de lavar minhas roupas e colocar meu tênis para secar, tomei um banho e fui conhecer a piscina, onde Maria Cristina se banhava.

Conversamos um pouco e eu já descii, pois ia pedir a Edson que me preparasse o escalda pés, que povoava os meus sonhos nos últimos dias.

Enquanto eu esperava, chegou na Pousada um novo Peregrino: Eduardo era um argentino, de 47 anos mas que mora no Brasil praticamente desde que nasceu. Tinha saído de Águas da Prata 2 dias depois de mim e queria terminar o Caminho da Fé um dia antes, ou seja, faria todo o trajeto em 7 dias, caminhando uma média de 47 km por dia.

Conversamos longamente durante a tarde e a noite durante o jantar e também me surpreendi com a inteligência e o carisma de Eduardo. O que achei mais interessante foi o fato dele ter servido no Exército Argentino, durante o serviço militar.

Eduardo tinha se casado muito jovem e tinha duas filhas. Morava em São Paulo mas, em razão do seu trabalho, viajava muito pelo Brasil e para o exterior.

Disse que era ateu e que fazia o Caminho da Fé porque gostava muito de fazer caminhadas longas. Como ele mesmo citou, era apaixonado pelo “tuc tuc”, referindo-se ao barulho que o cajado faz ao tocar no solo, depois de cada passada.

Mas voltando ao meu sonhado escalda pés, ele chegou com a água na temperatura perfeita e com sal grosso e ervas dando tempero a ele. Devo

ter ficado com os pés na água quente por cerca de umas 2 horas: não percebi o tempo passar por ter ficado conversando com Edson, Eduardo e Maria Cristina, na área da Pousada.

Só encerrei o escalda pés quando Edson retornou à área já devidamente paramentado como “Chef” e disse-nos que tinha que preparar o jantar e nos servir, apresentando em seguida o cardápio do que seria nos oferecido. O jantar tinha um custo adicional de 30 reais e ele também oferecia uma sobremesa ao preço de mais 15 reais.

Eram 19:30 h pontualmente quando o jantar foi posto em uma mesa cuidadosamente preparada para mim, para Eduardo e Maria Cristina.

A comida servida estava maravilhosa e o preço cobrado era justo.

Edson sempre que podia sentava conosco à mesa e foi um jantar muito agradável.

Depois do jantar fui ver um pouco de televisão enquanto meus amigos tinham ido dormir.

A certa altura fui conferir quanto de dinheiro eu tinha pois a Pousada não aceitava cartão de crédito ou débito e a próxima parada, o distrito de Luminosa, provavelmente não teria Agência do Banco do Brasil. O valor que tinha daria para pagar apenas os custos que tive na Pousada (foi onde mais gastei: 90 reais pelo pouso, 30 reais pelo jantar, 15 reais pela sobremesa e 7 reais por uma água e um refrigerante, perfazendo 152 reais).

Edson também se preparava para sair, quando perguntei se ele poderia me dar uma carona na manhã do dia seguinte até a cidade de Paraisópolis para que eu pudesse sacar dinheiro no Banco, explicando-lhe que o que eu tinha estava no fim e eu receava não ter agência do Banco do Brasil em Luminosa, o que fato pude constatar no dia seguinte.

Em princípio Edson disse que não era preciso eu ir até o Banco, que poderia fazer uma transferência bancária para a sua conta quando estivesse numa cidade que tivesse Agência do meu banco.

Ofereceu-me inclusive ajuda, ofertando-me dinheiro emprestado para que eu devolvesse posteriormente junto com o valor que lhe devia pela hospedagem e refeições.

Agradei, mas disse a ele que preferia ir ao caixa eletrônico. Como ele tinha que ir até a cidade comprar pão para o café da manhã e também para buscar uma funcionária, disse que não haveria problema algum em me dar carona.

Não era ainda 23:00 horas quando eu fui dormir.

Tive uma noite tranquila de sono e nem cheguei a ouvir a chuva forte que soube ter caído durante quase a noite toda.

Antes das 06:00 horas já estava de pé para ir com Edson até o centro da cidade.

Ele já tinha deixado a mesa parcialmente preparada para Eduardo e Maria Cristina tomarem café até que retornasse com o pão.

Não consegui sacar dinheiro porque o caixa eletrônico do Banco do Brasil só ficava liberado para saques depois das 08:00 horas.

Combinei então com Edson que anotaria os seus dados bancários e na primeira oportunidade transferiria o valor que lhe devia. Mais uma vez ele insistiu em me emprestar mais dinheiro, o que neguei, alegando não haver necessidade.

Consegui depositar o dinheiro de Edson só depois que concluí o Caminho da Fé, já em São Paulo: quando liguei para lhe comunicar e para me desculpar pelo atraso, ouvi dele que nem tinha ainda visto o seu extrato bancário, mas que tinha absoluta certeza da minha honestidade.

Depois de tomar um café maravilhoso e completo, saímos eu e Maria Cristina rumo ao distrito de Luminosa, que pertence ao município de Brazópolis: ficaríamos hospedados numa das mais conhecidas Pousadas do Caminho da Fé, a Pousada da Dona Inês, uma outra ícone do Caminho.

A Pousada ficava já no quarto quilômetro dos 11 km que compõe a temida Serra da Luminosa, da qual tinha ouvido muito a respeito do seu grau de dificuldade.

Só para se ter uma idéia, ela é conhecida como “Quebra Pernas”.

A Luminosa era o meu maior desafio no Caminho da Fé e, agora, eu seguia ao seu encontro...

9. Indo ao encontro da temida Luminosa - De Paraisópolis ao distrito de Luminosa (município de Brazópolis)

Partimos depois das 08:00 horas da Pousada Casa da Fazenda com destino ao nosso próximo destino, a conhecida Pousada da Dona Inês.

Seria uma caminhada de 21 km sendo os 4 últimos já subindo a famosa Serra da Luminosa.

Chegaríamos no final da tarde e o planejamento era o de almoçar na Pousada do Jocemar, personagem também muito comentado e conhecido no Caminho da Fé.

A Pousada do Jocemar ficava mais ou menos 12 km de onde partíamos, num bairro da cidade paulista de São Bento do Sapucaí chamado de Cantagalo.

Neste trecho do Caminho da Fé a gente sai de Minas Gerais e entra em São Paulo para depois voltar ao território mineiro.

Tinha chovido muito durante a noite e a estrada estava com bastante lama, mas o nosso deslocamento não chegou a ser comprometido.

Caminhamos quase sem parar até o bairro de Cantagalo e chegamos antes do meio dia. Fomos recebidos pela Dona Elza (a segunda Dona Elza do Caminho), que é a mãe de Jocemar e a responsável pelo fornecimento de refeições para os peregrinos que se hospedam na Pousada.

Ela nos recebeu muito carinhosamente e nos deu a atenção que precisávamos depois de uma caminhada intensa de quase 4 horas.

Falamos que nossa intenção era apenas usar o banheiro, descansar um pouco e almoçar para depois seguir para o nosso destino.

Perguntei sobre Jocemar e Dona Elza informou que ele estava fazendo o Caminho da Fé e naquele dia chegaria a Crisólia.

Tinha ouvido que Jocemar era um sujeito bem divertido e que atendia muito bem os peregrinos: acredito que o fato de ele também ser um peregrino o ajuda a entender (e dar) o acolhimento que se espera receber quando se chega a uma Pousada para fazer uma refeição ou para pernoitar.

Infelizmente vai ficar para uma próxima vez conhecer o Jocemar.

O almoço ficou pronto cerca de 15 minutos depois. Mais uma vez uma comida deliciosa, caseira, feita com muito amor.

A parada para o almoço demorou também mais tempo que o esperado: só saímos da Pousada do Jocemar quando eram quase 14:00 horas.

Teríamos pela frente um bom caminho até chegarmos ao distrito de Luminosa, que pertence ao município de Brazópolis, e depois mais 4 km pela Serra da Luminosa até chegar à Pousada da Dona Inês.

Quando me deu vontade de rezar, durante a caminhada, me dei conta que tinha esquecido o terço que tinha levado no criado mudo da Pousada Casa da Fazenda. A partir de agora teria que usar os dedos para contar as Aves Marias e Pais Nossos...

O trecho até o distrito de Luminosa não foi difícil e chegamos relativamente rápido. No local, que é minúsculo, paramos para tomar água num bar já perto da saída e Maria Cristina aproveitou também para comprar esparadrapo e remédio numa farmácia próximo. Aliás, em Luminosa tudo é próximo...

Foi ótimo ter “pendurado” a conta com o Edson em Paraisópolis porque, de fato, o distrito de Luminosa não tinha agência do Banco do Brasil e eu não tinha como sacar dinheiro para pagar minhas despesas na Dona Inês. Naquela altura não devia ter mais do que 150 reais em dinheiro e o cartão de crédito.

Durante a caminhada senti um certo mal estar e fiquei preocupado que fosse um desarranjo intestinal: não estava disposto a fazer necessidades fisiológicas no meio do mato embora estivesse preparado para isto.

A subida de 4 km para chegar à Pousada da Dona Inês na Serra da Luminosa foi de fato muito pesada, muito embora menos do que eu esperava que fosse.

Tinha ouvido tanto alarde sobre a Serra da Luminosa que imagina uma angulação de 90 graus...descobri que eram apenas 89....(brincadeira!!!).

A subida parecia não ter mais fim.

A Pousada fica entre o Km 108 e 106 e quando saímos de Luminosa demoramos muito para avistar a placa do Km 112.

Andamos muito devagar e paramos muito durante até chegar na Dona Inês: um das paradas foi numa bica “abençoada” que fica bem no meio do caminho entre Luminosa e a Pousada. A pessoa que instalou esta bica de água para mim deveria receber o Prêmio Nobel da Solidariedade...se não existe este prêmio, deveria ser criado.

Quando já não tínhamos força para subir o morro, avistamos uma sinalização de que a Pousada estava a 600 metros adiante: foram os 600 metros mais longo da minha vida!

Mas como tudo na vida, o tempo e o espaço passaram e chegamos à Pousada da Dona Inês, antes da chuva, que chegou forte menos de uma hora depois.

Era a minha oportunidade que eu tive para conhecer uma das almas mais bondosas do Caminho da Fé: Dona Inês é de fato tudo o que falamos...a avó dos nossos sonhos!

Nos recebeu e nos tratou como parentes que não via há muito tempo.

Fomos recebidos com água gelada e com a atenção de que estávamos tão necessitados.

Na casa de Dona Inês estavam também a sua filha, seu genro, seu marido e seus netos, além de pedreiros que trabalhavam na ampliação de sua Pousada, que daqui a pouco tempo terá condições de receber um número maior de peregrinos.

A Pousada da Dona Inês tem uma posição estratégica porque ela fica bem no início da Serra da Luminosa, de tal forma que ao parar lá você já terá vencido um pouco do complicado trecho que é a subida da Serra. Seria muito difícil para quem faz o Caminho da Fé à pé sair de Paraisópolis e subir toda a Serra da Luminosa num único dia.

Coisas apenas para pessoas como o Eduardo, o peregrino que tinha conhecido em Paraisópolis, e que fizera este trecho neste mesmo dia. Para “simples” mortais como eu e a Maria Cristina, avançar mais do que a Pousada da Dona Inês seria impossível.

Depois da recepção carinhosa, fomos acomodados nos quartos. Tomei banho, lavei minha roupa e consegui colocá-la para secar alguns minutos no sol, para depois levá-las para uma área coberta ao lado da casa da Dona Inês, pois a chuva tinha chegado de forma intensa.

No final da tarde Dona Inês nos serviu um café maravilhoso acompanhado de biscoitos, que eu não me senti em condições de negar.

Quando tomava café conversei muito com uma das netas de Dona Inês, cujo nome não me lembro e também esqueci de anotar. Tratava-se de uma menina de uns 9 anos, muito educada e de uma sensibilidade muito perceptível. Chamou-me muito a atenção o momento em que lhe perguntei o que ela queria ser quando crescer e ela me respondeu que desejava ser fotógrafa.

Perguntei o porquê deste seu sonho e ela me respondeu que era porque sempre atendia aos pedidos dos peregrinos para tirar fotos quando eles estavam na Pousada e isto lhe trazia uma alegria tão grande no coração, de ver as pessoas felizes por fazer o Caminho da Fé, que decidiu que queria ser fotógrafa.

Disse-me, com lágrimas nos olhos, que um peregrino tinha lhe dito que voltaria à Pousada no próximo ano e daria a ela uma câmera fotográfica para que ela pudesse treinar bastante para ser uma boa fotógrafa.

A esta altura Dona Inês que ouvia nossa conversa interveio: “filha, ainda não passou um ano, e se ele prometeu, pode ter certeza que ele trará a sua máquina!”

Eu já devia estar muito fragilizado do ponto de vista emocional porque esta conversa despreziosa me roubou muitas lágrimas...

Jantamos quando já eram mais de 19:30 horas e a noite já tinha chegado. Mais uma vez uma comida simples, mas feita com tanto carinho e amor, que dava a impressão de ser um banquete.

Infelizmente a chuva forte me impediu de ver o céu estrelado da varanda da casa da Dona Inês, que tinham me antecipado ser simplesmente magnífico.

Ainda fiquei um bom tempo observando a chuva e creio que não eram ainda 22:00 horas, quando me recolhi para o meu quarto para dormir. Maria Cristina tinha ido dormir logo depois do jantar e nesta noite já tínhamos conversado bem menos.

Combinamos de sair bem cedo porque tínhamos ainda mais 5 ou 6km de subida na Serra da Luminosa e depois uma descida intensa até o bairro Campista em Campos do Jordão.

Fui dormir sonhando em nocautear definitivamente a “Quebra Pernas”...seria eu que a venceria e não o contrário.

10. A sua hora chegou, Luminosa! - De Luminosa a Campos do Jordão

Apesar de todo acolhimento e do tratamento carinhoso que recebi de Dona Inês e de sua família, assim como tinha acontecido outras vezes, não tinha tido uma noite boa de sono.

Tinha ido dormir com a chuva caindo muito forte e fiquei muito preocupado se haveria ou não condições de subir os mais 6 km que tínhamos pela frente na Serra da Luminosa.

Veio à minha mente, quando estava na cama esperando o sono chegar, o que tinha me dito o Senhor Almiro, lá na Pousada Anjos do Caminho, em Águas da Prata, no dia anterior ao início da minha jornada, quando ao referir-se ao peso da minha mochila, comentou que eu teria muitas dificuldades para subir a Luminosa com tanto peso nas costas.

Também me lembrei de um outro comentário, feito na mesma Pousada, por um ciclista que também fazia o caminho da Fé, sobre o fato de que a Serra da Luminosa com chuva é impossível ser vencida. Lembro-me que ele chegou a me mostrar um vídeo publicado no Youtube, onde se viam ciclistas tentarem, sem sucesso, subir a serra d Luminosa num dia de chuva. Eles davam 1 passo para frente e 2 para trás...

Tudo isto, acumulado com o nível de esgotamento físico que já me dominava, deve ter contribuído para que meu sono fosse comprometido.

Não devo ter dormido mais do que 4 horas durante toda a noite: devia ser umas 03:00 horas quando perdi definitivamente o sono - acordei com o cacarejo de um galo que devia estar com o fuso horário errado.

Continuei na cama até lá pelas 05:00 horas, quando decidi começar a me arrumar, pois tínhamos combinado com Dona Inês dela servir o café às 06:00 horas para que pudéssemos sair o quanto antes, pois teríamos pela frente um longo trecho de mais de 33 km até Campos do Jordão, incluindo aí o restante da subida da serra da Luminosa.

Definitivamente seria um dos dias mais difíceis...

O ponto mais alto da serra da Luminosa indicava uma altitude de 1800 metros e deveríamos estar, na Pousada da Dona Inês a uns 1350m, ou

seja, seriam quase 500 metros para subir em uns 6 km...imaginei que não seria fácil, como de fato não foi!

Mas o destino da Luminosa era ser vencida e foi pensando nisto que deixei a cama e me arrumei.

Dona Inês foi pontual e o café estava na mesa na hora combinada, o que sempre me agradava muito.

Tomei o café rapidamente e já desocupeei o meu quarto. Acertei com Dona Inês os 60 reais combinados para custear o meu pouso e as duas refeições (jantar e o café) e fiquei mais ou menos 1 hora esperando Maria Cristina tomar o seu café, trocar informações com o seu amigo de Foz do Iguaçu e conferir as informações do “Wikiloc”.

Creio que começamos a caminhada quando já passava das 07:30 horas.

Já era minha intenção voltar a caminhar sozinho depois de “nocautear” a Luminosa e depois de mais um desconforto por mais um atraso, tive convicção de que o melhor para ambos seria de fato cada um seguir a sua rotina, fazer o seu tempo e cumprir o Caminho da Fé com o seu objetivo.

Nos próximos 6 km de subida eu já estava bem adiante de Maria Cristina e não tínhamos contato visual. Nos encontramos apenas na minha primeira parada que deve ter sido uns 4 km depois da Pousada da Dona Inês, ocasião em que lhe comuniquei que iria seguir na frente sozinho.

Dali por diante não tive mais contato com Maria Cristina, mas tenho certeza de que ela cumpriu o Caminho da Fé chegando ao Santuário Nacional de Aparecida apenas algumas horas depois de mim, no mesmo dia que eu.

A força de vontade dela, que mesmo lesionada nos pés, insistiu em dar seguimento à caminhada foi para mim uma grande inspiração, mas o fato de não estarmos “alinhados” quanto aos objetivos pelos quais fazíamos o Caminho da Fé fez-me concluir que juntos não estava bom para mim e, acredito, nem para ela.

Como escrevi anteriormente, sou uma pessoa muito metódica e sistemática e sempre que as coisas acontecem da forma diversa de que planejei, me irrita e, se não manifesto por palavras, pelo meu silêncio ou pelas minhas atitudes se percebe quando não estou satisfeito.

De qualquer forma, preciso deixar aqui registrada a minha admiração e respeito por Maria Cristina.

Derrotei a serra da Luminosa com não mais do que 2 horas e meia de uma caminhada rápida e constante, realizando uma única parada.

Foi muito difícil, não devo negar, mas não sei se pelo fato de estar tão obstinado a vencê-la, acredito que outras serras que tinha deixado para trás tinham sido para mim tão difíceis quando foi a Luminosa.

Isto sem contar o que viria pela frente, a descida da Serra de Pedrinhas, que para mim foi a mais difícil de todas. Mas a respeito dela escreverei no momento certo.

Emocionei-me quando voltei ao Estado de São Paulo, no alto da serra da Luminosa, a uma altitude de 1421 m, no marco da divisão entre o Estado de Minas Gerais e São Paulo...não mais retornaria ao solo mineiro...

Comecei a descer rumo à cidade de Campos do Jordão e já pude perceber desde logo uma grande diferença nas propriedades rurais de Minas Gerais e de São Paulo: nas mineiras era muito comum as porteiras ficarem abertas, quando não os sitiantes ficarem na sua entrada para cumprimentar e desejar boa sorte aos peregrinos. Sempre que pedi água ou autorização para um breve descanso, nunca me foi negado.

Já em São Paulo, na propriedades rurais que são, em regra bem maiores que as de Minas, era muito comum ver as placas indicativas de “Propriedade Particular - não entre”, “Proibido o acesso”, “Cão Bravo”, “Cão antissocial” e outras no mesmo sentido.

Isto pode ser reflexo da violência que assola a população que mora no campo e eu espero muito que seja: não quero acreditar que os paulistas sejam menos hospitaleiros que os irmãos mineiros.

Mas devo confessar: tudo o que um peregrino não quer ler quando está no Caminho da Fé é uma placa que lhe passa a idéia de que a sua presença no local não é bem vinda...e é esta a impressão que passavam as placas visualizadas no lado de São Paulo e que nunca tinha visto no lado mineiro.

Cheguei ao bairro Campista, em Campos do Jordão e ainda não era meio dia.

Para chegar até lá, depois de sair da serra da Luminosa, caminha-se por cerca de uns 6 km de descida na maior parte do percurso, mas também de

alguns trechos de subida, numa rodovia de mão dupla e sem acostamento: achei o trecho muito perigoso, pois o volume de carros que circula não é pequeno.

Eu adotei em todo o Caminho da Fé o procedimento preventivo de sempre parar quando vinha na minha direção ou em sentido contrário, um veículo automotor. Não queria correr o risco de tropeçar ou de escorregar na frente de um carro ou uma moto. Também usava o procedimento de caminhar no sentido oposto ao da circulação de veículos, ou seja, sempre na faixa da esquerda, o que me permitia ver com mais atenção os veículos que vinham à frente.

São dois conselhos que eu deixo aqui às pessoas que desejam caminhar.

Parei no bairro Campista por pouco tempo, numa lanchonete que não era credenciada no Caminho da Fé, apenas para tomar um suco e comer um salgado e já parti para Campos do Jordão.

Foram mais uns 14 km de Serra, que levei umas 3 horas e meia para concluir.

O trecho entre Campista e Campos do Jordão tem uma subida relativamente forte nos primeiros 4 km e depois, nos próximos 3, uma descida mais ou menos intensa. Os outros 7 km são praticamente no plano, com pequena elevação.

A serra é a maior parte coberta por árvores, o que a torna muito agradável e relativamente tranquila de ser realizada.

Ainda não eram 16:00 horas quando cheguei em Campos do Jordão numa das Pousadas mais interessantes de todo o Caminho da Fé: o Refúgio dos Peregrinos.

Esta Pousada, eu soube depois, segue os padrões dos Albergues Europeus existentes no Caminho de Santiago de Compostela: a família que a administra mora no mesmo imóvel (é uma casa daquelas de padrão europeu comuns em Campos do Jordão) e os peregrinos ocupam os quartos que ficam no andar térreo.

São vários quartos, todos com beliches, o que permite receber vários peregrinos ao mesmo tempo.

Fui recebido pelo dono da Pousada, Fábio, um dentista que administra o Refúgio dos Peregrinos desde que sua tia adoeceu de câncer e se trata na cidade de Barretos.

Quem fica na Pousada a maior parte do tempo são 2 filhos de Fábio, cujos nomes não me recordo neste momento, mas que se revezam ficando a disposição dos peregrinos para dar orientações e prestar apoios.

Logo que cheguei Fábio já me recepcionou na porta e, mesmo sem saber se eu iria pernoitar ou não no Refúgio, já me convidou para entrar e descansar um pouco.

Quando lhe comuniquei que iria ficar na Pousada ele me explicou o seu funcionamento: disse-me que havia um quadro com os preços de tudo (do pouso, ao banho, incluindo bebidas, salgadinhos, etc) e que cada peregrino ficava responsável por anotar e afixar no quadro mural existente na cozinha da Pousada tudo aquilo que consumiria, para acertar a conta no dia seguinte, quando do “check out”.

Explicou-me que a Pousada não servia almoço e jantar, mas caso eu precisasse, haviam várias opções de restaurantes e lanchonetes nas proximidades.

Junto comigo na Pousada, no mesmo quarto que eu, estava um peregrino, cujo nome, se não me engano, era Vitor. Ele tinha iniciado o Caminho da Fé da cidade de Ouro Fino e o concluiria por Pindamonhangaba, chegando a Aparecida um dia depois de mim. Ele era psicólogo e também integrante de uma comunidade religiosa da cidade de Marília/SP.

Comentou que tinha feito apenas o trecho a partir de Ouro Fino por ter disponível apenas 10 dias de férias.

Conversei bastante com o tal peregrino e ele me reportou que já tinha feito também o trecho final do Caminho de Santiago de Compostela, em 12 dias. Tinha ido acompanhar um grupo de jovens. Comentou acerca da estrutura de apoio que tem aquele Caminho e do quanto ele é mais fácil de ser feito do que o nosso Caminho da Fé, especialmente em função de praticamente não ter aclives e declives acentuados, o que é tão comum aqui.

A partir de Campos do Jordão, para concluir o Caminho da Fé o peregrino tem duas opções: ou desce a serra de Pedrinhas, com destino a Guaratinguetá (foi o que escolhi!!), perfazendo uma distância de 295 km

desde Águas da Prata) ou vai por Pindamonhangaba, aumentando aí o itinerário para cerca de 315 km. O primeiro trecho tem o dificultador da serra de Pedrinhas (escreverei sobre isto adiante) e o segundo não tem tanto terreno acidentado, mas tem um trecho em que se caminha pelo trilho do trem e também pela rodovia, além de ser 20 km mais distante.

Sai para comer alguma coisa numa lanchonete ali perto da Pousada quase no mesmo instante em que ele saiu para assistir uma missa num Convento. Ele até chegou a me convidar para ir com ele, mas a minha fome e o meu cansaço eram tão grandes, que preferi não ir.

Quando voltei à Pousada tive contato com outros dois peregrinos que também estavam no Refúgio: os dois eram professores universitários no Mato Grosso do Sul e um deles tinha família em São Carlos. O outro peregrino estava fazendo o Caminho da Fé com a sua família (esposa e dois filhos), que os acompanhava com um veículo, funcionando como uma espécie de carro de apoio.

Eles faziam o Caminho da Fé de bicicleta e esta já não era a primeira vez deles.

Quando lhes falei sobre as condições que eu tinha me imposto para fazer o Caminho da Fé (sozinho, ou melhor, com Deus, sem relógio e sem celular) eles ficaram admirados.

No final da tarde chegaram Fábio (o dono da Pousada) e Ângela, sua esposa, e conversamos bastante todos nós: embora não tenha ainda feito o Caminho da Fé, Fábio é uma pessoa muito esclarecida a respeito do Caminho e das suas particularidades.

Ele deve ter se aproveitado muito da troca de informações com os peregrinos que ficam na Pousada e principalmente do conhecimento dos seus tios, de quem herdou o Refúgio dos Peregrinos.

A Pousada é toda decorada com objetos e quadros do Caminho de Santiago de Compostela, o que nos faz se sentir num clima de peregrinação.

Um café delicioso nos foi servido no final da tarde e só paramos de conversar quando já tinha chegado a hora do jantar.

Comemos todos (os peregrinos e a família de um deles) num restaurante indicado por Fábio que fica a menos de 800 m da Pousada. Não demorou

muito e voltamos os 3 (eu, Vitor e o peregrino são-carlense) para o Refúgio, ficando apenas o outro peregrino e sua família comendo rodízio de “fondue” no restaurante.

O Refúgio dos Peregrinos não tem televisão, o que achei ótimo, pois nos forçou a conversar e interagir mais.

Foi realmente muito especial ficar lá.

Lá pelas 22:00 horas me recolhi para dormir e, me sentindo mais leve, tive uma das minhas melhores noites de sono durante todo o Caminho da Fé.

Tínhamos combinado com Fábio para nos servir o café às 06:00 horas da manhã, pois tanto eu quanto Vitor, cada um para o destino que tinha escolhido, queríamos sair o mais cedo possível.

Um verdadeiro “café de hotel 5 estrelas” nos foi servido, com sucos, iogurte, frutas, pão salgado e pão doce, café, leite, etc..

Acabamos por tomar o café todos juntos (inclusive os outros dois peregrinos e familiares que sairiam mais tarde da Pousada).

Quando fui acertar as contas com Fábio tive a minha maior (e gratificante) surpresa do Refúgio dos Peregrinos: ele me explicou que ele não pegava dinheiro, mas havia uma caixa onde os peregrinos deveria deixar o pagamento dos custos que tinha feito na Pousada.

Era uma caixa fechada com dinheiro dentro e cada peregrino colocava lá o que devia e, caso tivesse que fazer o troco, ele mesmo fazia.

Fiquei impressionado com aquilo e veio à minha mente uma dúvida que também deve estar na cabeça de quem me lê agora: será que não ocorriam casos de desonestidade, ou seja, se tinham pessoas que não pagavam o que deviam ou ainda que subtraíam o dinheiro da caixa?

Perguntei isto a Fábio e ele me respondeu que nunca tinha tido nenhum problema neste sentido e que, não era incomum haver depositado na caixinha mais dinheiro do que estava previsto para o dia, ou seja, os peregrinos deixavam como doação ou gorjeta.

Achei isso muito legal.

Os 75 reais que devia ao Refúgio dos Peregrinos foram devidamente pagos com uma nota de 100 e .eu mesmo fiz o meu troco. Me despedi de todos, fiz uma foto com Fábio na entrada do Refúgio dos Peregrinos e parti.

Iria agora, seguir a orientação de ir de coletivo até o Horto Florestal de Campos do Jordão e retomar a minha caminhada no km 48 do Caminho da Fé: esta advertência de usar de transporte público durante a área urbana se deve ao fato de que o trecho a partir da Praça de Capivari até a saída para a serra de Pedrinhas é feito por meio de uma rua de mão dupla sem calçada ou acostamento, o que traz muito risco à segurança dos peregrinos, especialmente quanto ao fato de serem vítimas de atropelamentos.

Ouvi histórias de muita gente que se atreveu a seguir a pé e que foi atropelado.

Fica então a dica...

Caminhei por cerca de 8 km dentro da cidade e já perto da Praça de Capivari peguei o coletivo.

Menos de 30 minutos depois eu descia para dar início ao meu penúltimo dia no Caminho da Fé.

Mas isto eu conto mais para frente...

11. E o inexplicável aconteceu - De Campos do Jordão ao bairro de Gomerl (cidade de Guaratinguetá)

A caminhada do penúltimo dia teria início pelo km 48 do Caminho da Fé e eu tinha chegado até lá por meio de transporte coletivo: eu não tinha, de má fé, “pulado” um pedaço do Caminho, mas sim seguido as recomendações de outros peregrinos e donos de Pousadas para evitar risco de acidentes.

Não há como se perder pois o desembarque do ônibus deve ser feito no seu ponto final, bem defronte ao Horto Florestal de Campos do Jordão: a gente já desce do coletivo com a placa indicativa do Caminho da Fé bem na cara.

Foi só ajeitar a minha mochila nas costas e seguir.

Na noite anterior tinha conversado com os ciclistas que também estavam hospedados no Refúgio dos Peregrinos e ouvido deles que a serra de Pedrinhas era muito complicada de ser feita porque durante todo caminho existem pedras de diversos tamanhos, todas soltas.

O risco de escorregar, torcer o pé ou de tropeçar eram muito grandes.

Falaram para mim que seria muita coragem da minha parte descer a pé por Pedrinhas.

Eles mesmos não faziam isso no dia posterior: iriam até Aparecida do Norte pela rodovia, pois não queriam se arriscar pela serra cheia de pedras, pois o grau de dificuldade para ciclistas ao descer e em terreno acidentado pela presença de pedras aumentava muito.

Iria caminhar por 26 km, saindo de uma altitude de mais de 1900 m para descer à 710 m, ou seja, mais de 1200 de descida pisando em pedras soltas durante boa parte do trajeto.

Não seria fácil...e de fato não foi!

O início até que foi bem tranquilo, com cerca de uns 2 ou 3 km de caminhada em terreno plano, com pouca pedra: cheguei a me iludir imaginando que os meus amigos tinham exagerado na história do perigo das pedras.

Ledo engano de minha parte: quando a descida chegou, a estrada por onde caminhei só tinha pedras, de um lado a outro o tempo todo, até o seu final.

Tinha ouvido falar que pela serra de Pedrinhas, alguns peregrinos se deslocavam durante a noite até Aparecida do Norte: saíam em grupo do mesmo local que eu saí, lá pelas 23 horas e caminhavam direto para Aparecida, num trajeto de quase 50 km, chegando lá no dia seguinte próximo das 15:00 horas para assistir uma missa e depois voltar.

Caminhar a noite, praticamente sem visibilidade por uma estrada cheia de pedras não deve ser nada fácil. Estes peregrinos merecem de mim, por respeito, a mais perfeita continência.

Pedrinhas foi para mim o trecho mais difícil do Caminho da Fé: bateu de longe a serra da Luminosa, que tantas horas de sono e de preocupação tinha me subtraído.

Os 11 km de descida do topo da serra até a Pousada do Agenor, no bairro de Gomerai, já na cidade de Guaratinguetá, foram terríveis. Mesmo os últimos 4 km que são em estrada asfaltada não foram tranquilos.

O sofrimento da descida, que gerava a pressão dos dedos do pé na ponta do tênis eram agora potencializados pela instabilidade dos passos sobre as pedras livres.

Todo cuidado deveria ser tomado para evitar um escorregão, uma torção no pé ou mesmo um tropeço nas pedras maiores.

Se em trechos melhores eu cheguei a caminhar a uma velocidade de 6,5 km/h, em Pedrinhas, certamente minha velocidade nunca superou os 3 km/h.

Fiz uma única parada, na Pousada da Dona Maria, quase no meio do percurso: fiquei pouco tempo, apenas o suficiente para carimbar minha credencial, tomar um refrigerante e descansar alguns poucos minutos.

De volta no Caminho, viveria na sequência uma experiência magnífica, cuja explicação não tenho até hoje.

Como já relatei, a estrada na serra de Pedrinhas possui pedras em toda a sua extensão. O nível da estrada fica abaixo do nível da serra, ou seja, você caminha na estrada com os barrancos de cada lado.

Como as pedras nas laterais da estrada ficam mais soltas em função da umidade do terreno, tem-se a tendência de caminhar mais pelo meio da estrada, que tem pouco movimento de veículos.

A estrada da serra de Pedrinhas é cheia de curvas, a maioria delas muito fechadas, de modo que descendo a serra você não consegue enxergar muito adiante porque sempre acaba tendo uma curva na sua frente.

Para me proteger um pouco mais do sol eu estava usando um chapéu, do tipo “pescador”, que tinha uma extensão de tecido que protegia a minha nuca e também, na parte da frente, uma parte que se era fixada abaixo do meu queixo, protegendo quase todo o meu rosto, mas cobrindo especialmente as minhas orelhas.

A minha acuidade auditiva já não está 100% e com a proteção do chapéu se reduziu ainda mais.

Eu seguia normalmente descendo pelo meio da estrada quando em dado momento avistei à frente, no começo de uma curva, um cachorro, destes que se intitulam “vira latas”.

Fiquei um pouco preocupado porque é sempre um risco o contato com animais, mas pensei que passar por ele sem sequer olhar para o seu rosto seria o suficiente para evitar um ataque.

Não passaram segundos e eu avistei, alguns metros atrás do cão, um homem. Ele se vestia com roupa simples e sujas, iguais a que usam os andarilhos que costumamos ver nas cidades. Na hora me veio à mente que poderia ser um bandido e que teria a intenção de assaltar.

Tentei ao máximo manter o autocontrole e transmitir serenidade e adotei o procedimento que já tinha feito antes diante de uma situação de risco ou de desespero: comecei a rezar!

Fui indo ao encontro do homem e rezando baixinho.

Quanto mais eu me aproximava do homem mais receio eu tinha de que me tornaria vítima de um crime...na minha cabeça eu já começava a elaborar o que faria se tudo o que eu tinha fosse levado e eu ficasse apenas com a roupa do corpo.

Quando estava a menos de 2 metros, o homem falou comigo:

- Moço, você está indo para a “Casa da Mãezinha Aparecida”?

- Sim senhor! - respondi.
- Então desce com cuidado próximo do barranco porque vem subindo rápido um caminhão pela estrada. Ele está embalado para conseguir subir a serra e pode te atropelar na curva, pois o motorista não o está vendo.

Eu não pensei duas vezes: fiz o que já adotava como um procedimento - imediatamente parei quase grudado no barranco e só sairia de lá depois que o tal caminhão passasse.

Não demorou nem 10 segundos e o caminhão entrou na curva vindo em minha direção em alta velocidade. Como o chão estava cheio de pedras e também úmido, ele “zigue-zagueou”, passando bem próximo de mim, quase me atropelando, apesar de eu estar encostado no barranco.

Assim que o caminhão passou por mim e subiu, ainda emocionado por ter tido a minha vida preservada por um desconhecido, voltei o meu rosto para trás para agradecer quem tinha me salvado a vida e de quem eu tinha equivocadamente desconfiado.

Para minha surpresa, o homem e o cachorro desapareceram: seria humanamente impossível que ele conseguisse subir, em poucos segundos, uma estrada que levei muitos minutos para descer. Também não seria possível que ele e o cachorro conseguissem subir no barranco, que deveria ter mais de 2 metros de altura. Também era improvável que ele tenha se escondido em algum buraco próximo à beira da estrada.

O inexplicável aconteceu!

Aquele homem que o meu olhar preconceituoso qualificava com um criminoso, poderia ser de fato o meu Anjo da Guarda...

Era mais uma lição que o Caminho da Fé me dava.

No restante do Caminho até a Pousada do Agenor, onde passaria o resto do dia e a noite, este episódio foi o único que ocupou a minha mente.

Caminhei pela serra de Pedrinhas por mais uns 5 km e depois ela se transforma em uma rodovia asfaltada, que em mais 6 km me faz chegar à Pousada do Agenor, um outro lugar especial para ficar no Caminho da Fé.

Nesta estrada tive contato com um outro peregrino que acabou ficando também na Pousada do Agenor. Dumas era o seu nome. No primeiro contato apenas nos cumprimentamos e desejamos “boa caminhada” um

ao outro. Já na Pousada conversamos um pouco mais, especialmente nas refeições.

Cheguei na Pousada do Agenor quando o relógio que ele tem na parede apontava para 14:00 horas.

O próprio Agenor me acolheu e me ofereceu água.

Alguns minutos depois o peregrino Dumas também chegaria à Pousada e se juntaria a nós.

A esposa do Senhor Agenor nos perguntou se iríamos almoçar, ao que respondemos positivamente, pedindo que nos fosse servido como prato principal as famosas trutas empanadas, das quais tanto eu como Dumas já tínhamos ouvido falar muito bem.

Nos acomodamos nos quartos, tomamos um banho e antes das 15:00 horas já estávamos na mesa para o almoço: uma refeição completa, com acompanhamentos pelo simbólico preço de 20 reais...coisas que só no Caminho da Fé acontece.

Depois do almoço, lá pelas 17:00 horas fui até um riacho que fica na divisa da propriedade do Senhor Agenor banhar os meus pés na água corrente gelada: mais uma das coisas que a gente não dá valor no dia a dia e que percebe o quanto é bom durante uma peregrinação. A água do riacho foi remédio para os meus pés.

Tive a oportunidade de conversar um bom tempo durante a tarde com o Senhor Agenor: um sujeito do tipo “bonachão”, super gente boa e que faz piada de tudo. Foi maravilhoso ter conhecido ele e a sua família.

A noite jantei na mesa com o Senhor Agenor e com o Dumas, que preferiu apenas um café da tarde.

Fui dormir cedo, antes das 21:00 horas.

A manhã do dia seguinte me reservaria o momento mágico da chegada ao Santuário Nacional de Aparecida.

Tinha combinado com Dumas e a esposa do Senhor Agenor que o café nos seria servido às 06:00 horas.

Eu e Dumas sairíamos no mesmo horário mas não iríamos caminhar juntos, mas sim cada um no seu ritmo.

A emoção de concluir com sucesso o Caminho da Fé já me dominava integralmente.

12. A chegada na Casa da Mãezinha Aparecida - Do bairro de Gomerál (cidade de Guaratinguetá a Aparecida do Norte)

Estava ansioso para concluir o Caminho da Fé. Já era dia 18/01 e dentro do prazo que tinha me colocado como meta, conseguiria concluir os 295 km do Caminho.

Restavam para mim apenas 22 km, da Pousada do Senhor Agenor até o Santuário Nacional de Aparecida, e o sonho de realizar o Caminho da Fé teria se concretizado.

Acertei a minha conta com a esposa do Senhor Agenor (ficou 100 reais: 80 pela pousada, jantar e café da manhã e 20 reais do almoço do dia anterior), me despedi do casal e de Dumas, o peregrino que havia conhecido também no dia anterior e que seguiria logo atrás de mim e partir.

Foram 22 km de caminhada com apenas uma parada na cidade de Potim, já bem perto de Aparecida, num ponto de apoio do Caminho da Fé, apenas para carimbar a credencial.

Praticamente fiz o trecho todo sem nenhuma interrupção: até para me alimentar e me hidratar eu não parava de caminhar.

O trecho entre o bairro de Gomerál, em Guaratinguetá, e a cidade de Aparecida é, de longe, o mais fácil de todos o Caminho da Fé: apenas uma subida leve e uma descida mais ou menos intensa e o resto do trecho é uma estrada plana e tranquila.

Quando faltam uns 8 km para chegar em Aparecida tem-se uma rodovia de mão dupla que tem algum movimento de veículos, e que exige as cautelas que já abordei anteriormente.

Dos 22 km devo ter chorado de emoção em pelo menos uns 18 km.

Durante o trecho tive contato com um grupo de 7 cavaleiros que realizavam o Caminho da Fé a cavalos: eles fazem um itinerário um pouco diferente do que fazem os peregrinos que realizam o Caminho da Fé a pé ou de bicicletas.

Se disseram impressionados com a minha coragem por fazer o Caminho da Fé a pé e sozinho, oportunidade que tive para corrigir-lhes, dizendo que

nunca estive sozinho durante toda a minha jornada, pois Deus nunca tinha se ausentado do meu lado.

Quando entrei na cidade de Aparecida do Norte e avistei a placa de indicação de 4 km, pela primeira vez em todo o Caminho da Fé, perguntei a um morador as horas.

Quis saber porque tinha sido informado que haveria missa às 09:00 horas, às 10:30 horas e ao meio dia e eu queria chegar a tempo de assistir uma delas.

Fui informado que eram 09:20 horas e concluí que, se aumentasse a velocidade dos meus passos, chegaria a tempo da missa das 10:30 horas.

A chegada a Aparecida do Norte é por um bairro humilde da cidade. Eu imaginei na minha cabeça uma final diferente para o Caminho da Fé: achei que lá ao longe, faltando uns 6 km, o peregrino já avistaria o Santuário de Nossa Senhora Aparecida e caminharia o tempo todo na sua direção, até que chegasse a ele, coroando a missão cumprida.

Mas não é bem assim: a gente só consegue ver o Santuário depois de andar um bom trecho dentro da cidade e atravessar uma ponte sobre um rio. Logo depois o Santuário desaparece novamente entre as edificações da cidade e só se consegue visualizá-lo de novo quando se está bem próximo dele.

Fui chorando e praticamente me arrastando do Portão do Santuário até a Secretaria da Pastoral, onde carimbei pela última vez a minha credencial e recebi o meu certificado oficial de Peregrino.

Para sempre o meu nome estará registrado nos controles do Santuário como um peregrino: por um momento pensei que este título tão simples era também o mais importante que eu tinha alcançado em 50 anos de vida.

Restavam poucos minutos para a missa começar e ainda deu tempo de eu ir até uma vendedora ambulante comprar alguns terços para serem benzidos depois da missa das 10:30 horas.

Sem forças para ficar em pé, sentado próximo ao Altar assisti muito emocionado a missa, que seria para mim o marco final do Caminho da Fé.

As últimas lágrimas saíram dos meus olhos durante o resto da cerimônia.

Só me levantei para me aproximar do Altar e receber as bênçãos nos objetos que havia comprado.

Eram 11:30 horas quando considerei encerrada a minha primeira peregrinação, depois da mensagem de despedida do celebrante, ao final da missa.

O Caminho da Fé acabara de transformar a vida de mais uma pessoa...

Epílogo

Em nenhum dos meus muitos momentos de carência de lucidez e loucura me imaginei caminhando 300 km: isto representava mais ou menos a distância da minha casa, em Araraquara, até a cidade de Diadema, na região metropolitana de São Paulo.

Inimaginável em outros tempos eu voluntariamente me submeter a uma “insanidade” destas.

Se eu tivesse comentado esta intenção com qualquer amigo ou parente, o adjetivo que usariam para me qualificar seria "maluco".

Até que algo, que não sei como explicar, tocou o meu coração e eu me senti determinado a me submeter a um grande desafio para marcar em mim o agradecimento pela carreira vitoriosa que tive na Polícia Militar, para me conhecer e para me aproximar mais de Deus.

O Caminho da Fé foi o instrumento que o Criador usou para que eu me conhecesse melhor, aliás, para que eu tivesse a consciência que, de fato, me conheço bem menos do que imaginava.

Eu já tinha tido filhos, já tinha plantado uma árvore. Me faltava, para cumprir os 3 mais importantes objetivos de um homem durante sua vida: escrever um livro.

Este livro é o legado do Caminho da Fé na minha vida e coroa todas as minhas vitórias na minha jornada de 50 anos de existência.

O Caminho da Fé me permitiu realizar o que me faltava. O Caminho da Fé me fez um pouco mais completo.

O livro não tem qualquer viés comercial, sendo uma obra "pura", escrita por um peregrino que entendeu o real sentido do que representa a peregrinação e entende importante disseminar as suas impressões.

Peregrinar é uma necessidade de todo ser humano, que precisa ser atendida. Somos seres colocados no mundo por Deus para peregrinar...por isso, peregrinar é necessário...é preciso!

Já a vida, num outro sentido do verbo "precisar", não é uma ciência exata e está sujeita a uma série de imprecisões...daí porque viver não é preciso, não é matemático.

Não tenho a pretensão de, pelas linhas que escrevi, dar a receita exata de como fazer o Caminho da Fé.. muito longe disto, tenho a convicção de que o Caminho é único e individual, ou seja, nenhum dos meus passos poderá ser repetido por quem quer que seja...nem mesmo eu conseguiria fazê-lo numa outra oportunidade, em que eventualmente refizesse o Caminho da Fé.

Desejaria muito que este livro inspirasse centenas de milhares de pessoas a refletirem sobre o significado da peregrinação e, quem sabe, uma parcela delas, se aventurasse no Caminho da Fé, dando a ele o mesmo grau de importância que tem, por exemplo, o Caminho de Santiago de Compostela.

Este é o meu sonho e acreditando nele que encerro o registro desta minha aventura.

O Caminho da Fé me fez um ser humano diferente, melhor, mais espiritualizado e mais consciente da minha pequenez diante de Deus e das maravilhas que Ele criou.

Faço votos que o mesmo aconteça com o maior número de pessoas.

Deus esteja presente na vida de todos(as)!

Considerações finais

O autor expressamente abre mão de todos os direitos autorais referentes a este livro, ficando autorizada a reprodução e divulgação do seu conteúdo, apenas com a observância da regra metodológica de citação da fonte.

O autor desautoriza a venda do livro por quem quer que seja, seja no seu formato digital, seja em via física.

O autor solicita que eventuais incorreções verificadas no texto sejam comunicadas por meio do endereço eletrônico "coronelpmfigueiredo@gmail.com".

Para o mesmo endereço o autor solicita que sejam encaminhados os comentários a respeito do livro.

FIM